

MARQUESA DE ALORNA

POEMAS DE ALCIPE



UMA SELEÇÃO DOS MELHORES POEMAS DA AUTORA

POEMAS DE ALCIPE

MARQUESA DE ALORNA

Uma seleção dos melhores poemas da autora

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

ÍNDICE

SONETOS

CANÇÕES

ODES

EPÍSTOLAS

REDONDILHAS

APÓLOGOS

EPIGRAMAS

PARÁFRASES

BREVE NOTA SOBRE AUTORA

D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, mais conhecida por Marquesa de Alorna, foi a primeira poetisa portuguesa, escrevendo e publicando obras líricas numa altura em que às mulheres era, em grande parte, vedado a publicação de trabalhos literários próprios.

Teve o grande infortúnio de fazer parte da família dos Távora - umas das mais ilustres Casas nobiliárquicas de Portugal a quem o Marquês de Pombal perseguiu com a justificação de terem conspirado num atentado para matar o rei D. José I. Assim, com apenas 8 anos viu a sua avó, a marquesa de Távora, ser decapitada e os seus tios e primos serem queimados vivos, numa execução pública em Belém. Os seus próprios pais foram presos, acusados de serem cúmplices (de um atentado que nunca ocorreu) e ela, por ser demasiado nova, encerrada no mosteiro de Chelas de onde sairia apenas 19 anos mais tarde, após a morte do Marquês do Pombal e da ordem de libertação mandada pela rainha D. Maria I.

No recinto eclesiástico, onde viveu toda a sua juventude, ocupou o tempo com a leitura, com a música, a pintura e sobretudo com a poesia. Beneficiando da proteção e influência de amigos da família teve a oportunidade de estudar, onde lhe foi dado como professor alguém que viria a ser um dos mais notórios e

famosos iluministas portugueses - o sacerdote Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido depois por Filinto Elísio. Não só foi ele o responsável pela sua formação na corrente literária do arcadismo (também chamada de neo-classicismo), como também alimentou as suas precoces tendências filosóficas, científicas e progressistas dando-lhe a ler as obras de Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Pierre Bayle e até a Enciclopédia de D'Alembert e Diderot, Foi ainda ele que a batizou com o pseudónimo de "Alcipe" - nome de uma das filha de Marte, o deus romano da Guerra - nome pelo qual assinou a grande maioria dos seus poemas.

Quando, por fim, foi libertada gracejou de grande fama na sociedade; o prestígio do infortúnio que sofrera, a altivez que tivera por nunca ter escrito uma linha sequer a ninguém a pedir piedade e liberdade em 19 anos de cativo e por ter afrontado as iras do Marquês de Pombal, tornaram-na num ícone da altura, digna de consideração e respeito. Tal fama deu-lhe assim oportunidade de publicar o seu primeiro livro de poesias que reunia algumas das poesias realizadas durante o seu cativo em Chelas.

Em 1779, casou com um oficial alemão naturalizado português, o conde de Oeynhausen (Os padrinhos de casamento foram os próprios Reis: a monarca D. Maria I e o rei consorte D. Pedro). Com ele viajou praticamente por toda a Europa e chegou a viver em Viena, Berlim e Londres, desenvolvendo aí o gosto

pela poesia sentimentalista e descritiva, traduzindo ou imitando o estilo de Delille, Wieland, Buerger, Goëthe, Young, o pseudo-Ossian, Gray e Thomson.

De regresso a Portugal instalou-se nas suas propriedades em Almeirim, em Almada e em Benfica, onde foi estimada pelos benefícios que dispensava aos pobres; em Almeirim, por exemplo contratou uma mestra para ensinar às prostitutas da vila e das povoações vizinhas a ler, escrever, coser.

Foi também a grande patroneia cultural do seu tempo, dando bolsas a vários artistas da época e promovendo, nos seus salões de S. Domingos de Benfica, encontros e colóquios literários, sendo estes frequentados por escritores e literatos de diversas gerações, desde os últimos poetas árcades, como Bocage, até aos primeiros românticos como Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Desses encontros literários nasceram muitas das ideias estéticas que perduraram no século seguinte. A sua participação nas discussões aí decorridas conferiram-lhe o título da mulher mais intelectual de Portugal e tornaram-na na musa de muitos escritores e poetas do seu tempo; Bocage, por exemplo, dedicou-lhe vários poemas de amor.

Dando sentido ao seu pseudónimo "Alcipe", que relega para a ideia de uma mulher guerreira, foi também a fundadora de uma sociedade secreta chamada "Sociedade da Rosa" - uma organização por ela financiada, concebida para frustrar a ameaça napoleónica, não só em Portugal mas por toda a Europa.

Sobre isto escreveu o seu neto, o marquês de Fronteira, nas suas memórias:

"Minha Avó odiou toda a sua vida as sociedades maçónicas e detestou os jacobinos, porque tinha sempre presente à imaginação as cenas de horror que presenciara em Paris e Marselha, onde esteve na época do Terror da Revolução francesa.

Daqui resultou que esta tivesse o pensamento de organizar uma associação que intitulou a Sociedade da Rosa, com o fim de combater as ideias daquela Revolução e as sociedades secretas, por meio de outra sociedade secreta.

Apesar dos esforços empregados por meu Pai para afastar minha Avó do seu intento, a associação progrediu e muitas pessoas nela se filiaram. Meu Bisavô, o Marquês de Alorna, que ainda vivia, e a quem dezoito anos de prisão nos segredos do forte da Junqueira tinham tornado prudente, pregava de missão contra tais reuniões; mas nada conseguia."

Para além de escritora, filósofa e poetisa, foi também pintora. Quando foi nomeada dama de honor da rainha de D. Carlota Joaquina foi encarregada de elaborar os desenhos para a decoração do Palácio da Ajuda, por ter dado amostras de grande talento na área. Não chegou a concluir a tarefa, mas realizou várias pinturas que ficaram a decorar os salões do Palácio até este arder, altura em que grande parte se perdeu.

A morte do marido em 1793, deixou-lhe seis filhos para criar; situação agravada pela descoberta de que estivera envolvida no assassinato de um general francês: Henry Forestier. Isto obrigou-a a fugir do país, rumo a Londres, onde tomou conhecimento da invasão de França em Portugal e da fuga da família real para o Brasil. Em Londres passaria extrema dificuldade e carência e foi impossibilitada de ir para o Brasil juntar-se à família real pois o seu irmão, D. Pedro de Almeida, general do exército português, vira-se forçado a juntar-se ao exército de Napoleão após a invasão, ficando pois a ser visto como um traidor. Somente após a morte do irmão lhe foi concedido regressar a Portugal. Ela passaria os anos seguintes a tentar limpar o nome do seu irmão, assumindo para si mesma, o título de marquesa de Alorna, previamente dado ao irmão, algo que lhe foi oficialmente dado em 1934 pela rainha D. Maria II, juntamente com a banda da ordem de Santa Isabel.

Os seus poemas (mais de 1000, no total) encontram-se entre os mais belos exemplos de composições poéticas portuguesas do século XIX, inseridos no movimento do Neo-clássico onde as referências à mitologia greco-romanas. O seu trabalho lírico encontra-se dividida entre os mais variados subgéneros e estruturas formais poéticas: epístolas, odes, sonetos, éclogas, elegias, canções, apólogos e epigramas.

Para além de escrever em português, escreveu também em francês, inglês, alemão e latim.

Esta obra que aqui dispomos reúne alguns dos seus melhores trabalhos poéticos.

SONETOS

Retratar a tristeza em vão procura

Quem na vida um só pesar não sente,

Porque sempre vestígios de contente

Hão de aparecer por baixo da pintura.

Porém eu, infeliz, que a desventura

O mínimo prazer me não consente,

Em dizendo o que sinto, a mim somente

Parece que compete esta figura.

Sinto o bárbaro efeito das mudanças,

Dos pesares o mais cruel pesar,

Sinto do que perdi tristes lembranças;

Condenam-me a chorar e a não chorar,

Sinto a perda total das esperanças,

E sinto-me morrer sem acabar.

Feito na cerca de Chelas

Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
Com os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava a estragada fantasia.

Saturno vagaroso me trazia
Um diadema de lúcidos diamantes,
Enramado de mirtos odorantes,
O qual Cípria na fonte me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava,
Mas no disco da roda vacilando,
Voltando-a, me levou quanto eu sonhava.

Já Délio para os mares ia olhando,

E Bóreas, que raivoso murmurava,

Acordou-me, como dantes, suspirando.

Petição à melancolia para que se acabem certos dias de festa

Tu, Deusa tutelar da solidão,
Amável sombra, ó melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração.

Não prives o meu peito, Ninfa, não,
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti um e outro dia
Quem de amar-te só faz consolação.

E não pode a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço,
Sem que faça o seu mal mais penetrante.

Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço:

Não demores mais tempo o doce instante,

Os dias tristes, que eu tão triste passo.

Bem como se perturba a clara fonte
Na agitação contínua da corrente,
A minha alma sossego não consente,
Por mais que nos meus ais ânsias desconte.

De cuidado em cuidado, monte em monte
Me leva este pesar que o peito sente;
Sempre diviso aflita, descontente,
Os princípios da luz pelo horizonte.

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que na alma pesa...
Amor! Serás comigo sempre avaro?

Amor em mim é filho da tristeza!

Eu sinto o coração ao desamparo...!

Pune, ó Deus, pelas leis da natureza!

Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz

Esperanças de um vão contentamento,

Por meu mal tantos anos conservadas,

É tempo de perder-vos, já que ousadas

Abusastes de um longo sofrimento.

Fugi; cá ficará meu pensamento

Meditando nas horas malogradas,

E das tristes, presentes e passadas,

Farei para as futuras argumento.

Já não me iludirá um doce engano,

Que trocarei ligeiras fantasias

Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que anuncias,

A quem te logra, o gosto soberano,

Vem dominar o resto dos meus dias.

Recebendo Piério muita honra na companhia de El-Rei, em Salvaterra

Piério, tu que logras a ventura

De ver benigna a face do Soberano,

Compadece-te lá do acerbo dano

Que nos cerca, apesar da fé mais pura.

Não turbes dos prazeres a doçura,

Mas tira saudável desengano

De ver fugir um ano e outro ano,

Enquanto nos persegue a sorte escura.

Vê com quanta incoerência os bens reparte

A Fortuna, que injusta oprime o todo,

Bem que respeite em ti a melhor parte;

Aceita o seu favor de qualquer modo,

Mas não te fies dela de tal arte

Que te esqueça que o bem terreno é lodo.

Oferenda aos mortos

Aquele outeiro sombrio

Está de névoas coberto;

Escorre entre canas, perto,

Fraco e murmurando, um rio.

Naquele negro pinhal,

Como tocha funeral,

Brilha modesta candeia,

Que ao pastor pobre alumeia

Com a luz embaciada;

Vem por corvos arrastada

A Tarde;

A luz apenas das estrelas arde!...

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Das frestas dos edifícios

Vergonhoso mocho voa,

E com seus uivos atroa

Os Génios dos malefícios;

Saem Fadas peregrinas

A dançar sobre ruínas,

E vêm por entre perigos

Gnomos, trasgos, inimigos.

Alumeia

O pirilampo incerto esta coreia.

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Estão todas apagadas

As luzes da Outra-Banda;(*)

Pelas praças ninguém anda,

Vagam as sombras caladas.

[() Nome que vulgarmente se dá a Almada e seus arredores (Nota da Autora).]*

Naquele triste convento(*)

Dobra o sino sonolento;

O ar com os sons esmorece.

O horizonte empalidece;

[() O Convento da Boa-Morte, não longe do qual morava eu então (Nota da Autora)]*

O vapor autunal

Cobre-o de um véu fatal, Sombrio.

Suspira o vento e nasce o calafrio.

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Vêm aflitos pensamentos,

Vêm desde Sintra queixosos,

Vagar ternos e medrosos

Ao redor de monumentos...

A campa de Isa(*) alvejando,

A escuridão vai cortando...

Dorme a quieta africana...

Dormirá a raça humana...

[() Isa, moura sepultada na margem do rio de! Alcântara, cuja campa alveja e se percebe de longe (Nota da Autora).]*

Não rompe o mundo

Letargo tal, um sono tão profundo.

Da manhã,

Para os mortos, a graça, a luz é vã.

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Com teu clarão moderado,

Que objeto me estás mostrando?

Que me estás afigurando,

Crepúsculo descorado?...

Sombra majestosa e cara,

Que nas mãos da Parca avara

Enches todo o meu sentido!

És tu, Armínio(*) querido?

Se te retrata a saudade,

Apaga as cores a realidade.

[() O Conde de Oeynhausen, marido da autora]*

Entretanto,

O teu túmulo lava este meu pranto.

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Sobre o teu marmóreo altar,

Onde oculto me magoas,

De plátano cinco coroas

Venho hoje depositar.

Recebe, Armínio, a mais pura;

Duas leve-as a ternura,

Do meu choro comovida,

A Márcia, a Lília querida; (1*)

Aos dois penhores

Dos nossos tristes, doces amores, (2*)

Condoída,

Ofereço duas, oferecera a vida.

[() 1- Minha irmã, a Condessa da Ribeira, e minha mãe, a Marquesa de Alorna; 2 - Os meus dois filhos, M. Carlos, e Maria Regina, falecidos. (Notas da Autora)]*

Que pavor

Espalha em todo o campo a minha dor!...

Esperanças de um bem tão contingente,
Com que fim me andais sempre atormentando?
Se inútil é que eu viva suspirando,
Porque me não deixais viver contente?

Ora fingis distante, ora presente
O motivo do mal que estou chorando;
Fingi-me, se podeis, ao menos quando
Hei de viver feliz, sendo indiferente.

Se tanto vos aflige o meu sossego
Que o perturbais por modo tão tirano,
Matai-me, que a morrer eu não me nego.

Mas se viva, o destino desumano

Me quere, fugi; que eu triste já me entrego

Ao descarnado e duro desengano.

Aniversário de 3 de Março(*)

[() 3 de Março. Dia em que faleceu o Conde de Oeynhausen, marido da Autora]*

Ao som da lira

A dor exponho,

Versos componho

Filhos da dor.

Gemendo as Musas,

Apolo em pranto

Meu triste canto

Faça escutar.

De Orfeu saudoso

O plectro invoco,

Meu peito rouco

Segui-lo quer.

Ah! se eu pudesse,

Rompendo o Averno,

Ao sono eterno

Ir-te arrancar!...

Ah! se eu pudesse,

Qual outra Alceste,

Ao sítio agreste

Ir-te buscar!...

Iria afoita,

De ânimo forte;

Com a mesma morte

Fora lutar.

No dia dos meus anos

Dia cruel, no qual ao bem resiste

A memória de uns anos desgraçados,

Ou brilha vencedor de injustos fados,

Ou não tomes a vir como hoje, triste.

Porém que digo? Céus! Em que consiste

O emprego dos meus votos inflamados,

Se dos terrenos bens tão desejados,

Além da morte, nem um só persiste?

Dure pois muito embora esta violência,

Que o peito martiriza sem piedade,

Que eu assaz me contento da inocência.

E para a verdadeira utilidade,
Receberei, entregue à paciência,
Saudáveis lições na adversidade.

Eu cantarei um dia da tristeza

Por uns termos tão temos e saudosos,

Que deixem aos alegres invejosos

De chorarem o mal que lhes não pesa.

Abrandarei das penhas a dureza,

Exalando suspiros tão queixosos,

Que jamais os rochedos cavernosos

Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,

Ave, fonte, montanha, flor, corrente,

Comigo hão de chorar de amor enredos.

Mas ah! que adoro uma alma que não sentel!

Guarda, Amor, os teus pérfidos segredos,

Que eu derramo os meus ais inutilmente.

Como, importuno Amor, ainda procuras

Misturar-te entre as minhas agonias?

Vai, cruel, para onde os alegrias

No seio da Fortuna estão seguras;

Onde em taças douradas, formosuras,

Esgotando o prazer, passam seus dias;

Onde acariciado tu serias

Por quem nem sabe o nome às desventuras.

Ao som de harmoniosos instrumentos,

No peito, que é de pérolas ornado,

Criarás mil suaves sentimentos;

Mas em mim, que sou vítima do fado?!...

Cercada dos mais ásperos tormentos,

Achas uma alma só – e um só cuidado.

Bem pode sobre o cândido Oriente
Soltar Febo os cabelos douradores,
Que quem vive como eu, vê sempre as flores
Tintas da negra cor do mal que sente.

Para mim não há prado florescente,
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,
Nem me tornam cantigas dos Pastores
Jamais serena a pensativa frente.

Se triste vou às danças, triste venho;
E quando a noite estende húmido manto,
A segurar o sono em vão me empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;

Cercada de pesar, mais bem não tenho

Que um triste desafogo em terno pranto.

Vai a fresca manhã alvorecendo,
Vão os bosques as aves acordando,
Vai-se o Sol mansamente levantando
E o mundo à vista dele renascendo.

Veio a noite os objetos desfazendo
E nas sombras foi todos sepultando;
Eu, desperta, o meu fado lamentando.
Fui coa ausência da luz esmorecendo.

Neste espaço, em que dorme a Natureza.

Porque vigio assim tão cruelmente?

Porque me abafa ó peso da tristeza?

Ah, que as mágoas que sofre o descontente,

As mais delas são faltas de firmeza.

Torna a alentar-te, ó Sol resplandecente!

Numa doença

Àquele espaço que a alma compreende

Os meus passos dirijo temerosa;

Abre-se a Eternidade, que, horrorosa,

Por multidões de séculos se estende.

Mas neste ponto em que Átropos desprende

O fio de uma vida tão penosa,

A mãe, a cara mãe, triste, saudosa,

O pai, a terna irmã, tudo me prende!

Ideias do descanso roubadoras,

Deixai-me junto aos cândidos altares

Pôr fim tranquilo às minhas tristes horas!

Rompa o espírito em paz liberto os ares,

E completem as Parcas agressoras

Ruínas que fizeram os meus pesares.

Sobre a égloga dos Pomareiros

Morra a memória da famosa Alcina,
Esqueça-se o poder do mago Ismeno,
Que ao melífluo som do verso ameno,
Surgem bosques, comove-se a campina.

Apenas de Filinto a voz divina
Fere, alegre, o selvático terreno,
Calam-se as Musas, até se cala Alfeno,
Que o grande Vate todo o Pindo ensina.

Brilha suspenso o Déléfco luzeiro;
Doce aroma, que os ares embalsema,
Gira em torno do sábio Pomareiro;

E Alcipe absorta, bem que o assunto tema,

Faz ressoar no monte sobranceiro

De rouco Cisne a voz talvez extrema.

Se me aparto de ti, Deus de bondade,
Que ausência tão cruel! Como é possível
Que me leve a um abismo tão terrível
O pendor infeliz da humanidade!

Conforta-me, Senhor, que esta saudade
Me despedaça o coração sensível;
Se a teus olhos na cruz sou desprezível,
Não olhes para a minha iniquidade!

À suave esperança me entregaste,
E o preço do teu sangue precioso
Me afiança que não me abandonaste.

Se, justo, castigar-me te é forçoso,

Lembra-te que te amei, e me criaste

Para habitar contigo o Céu lustroso!

DE TRÊS

FÍLIS

O Zéfiro em silêncio lisonjeia

Destes vales os álamos frondosos,

Doce frescura espalham amorosos

Os regatos brincando pela areia.

LÍLIA(*)

Que pouco um peito aflito se recreia

Pelos templos de Flora deleitosos!

Que objeto vêm com gosto olhos chorosos,

Se a torrente das lágrimas medeia?...

[() Eu (Nota da Autora)]*

MÁRCIA(*)

Não vejo ser que o peito não soçobre,
Nem tu, Mudança, escutas meus clamores,
Por mais que os sons variados neles dobre.

Entre teu leve manto furta-cores
A ventura diviso, que se encobre,
Deixando-me tragar dos dissabores.

[() Márcia: Minha irmã D. Maria de Almeida, que foi depois Condessa da Ribeira (Nota da Autora).]*

FÍLIS

Escassamente o sol já se mostrava
Entre a sombra que as luzes lhe encobria;
Dos pássaros o canto que se ouvia
A ternura e saudades inspirava.

MÁRCIA

Já o mocho noturno se escutava,
Que o retorno das trevas prevenia;
O terror que no peito meu descia
Triste lágrima dos olhos me arrancava.

LÍLIA

Larguei a voz então aos surdos ventos,
Que nas cavernas ásperas, com brados,
Convocavam os sustos macilentos;

Aos soltos ais, nos montes espalhados,
Não respondem os seres sonolentos,
Que não há quem responda aos desgraçados.

Enquanto Plério tocava flauta

Do teimoso desgosto a mão nefanda,
Que o coração me estava comprimindo,
Com susto se desvia, e vai fugindo
Ao Báratro, após Mégera execranda.

Nascei, versos, ao som da flauta branda,
Recreai as Deidades lá do Pindo,
Vá-se o canto sublime, vá-se abrindo,
Que Délio, o mesmo sacro Délio o manda.

A Camena altas músicas descante,
Com a cítara aspergida de ambrosia,
Em honra de Piério hinos levante.

Ó Paz, filha de Apolo e de Harmonia,

Descansa no meu peito um doce instante,

Roubemo-lo ao domínio da agonia!

Quando assentaram praça o Marquês de Fronteira, e seu irmão D. Carlos

Mascarenhas, netos da Autora

Junto às aras de Numes fabulosos
Os mancebos de Atenas se juntavam,
E pela Pátria e Fé ali juravam
Dar a vida em combates sanguinosos.

Fíéis aos juramentos, animosos,
As mais tremendas lides arrostavam,
E ou de louros eternos se coroavam,
Ou seguiam os Manes tenebrosos.

Juraste. Vê perante quem juraste!
Vê com que ações os teus te precederam,

E o que impõe a carreira que abraçaste!

Os teus e os meus, que o Reino defenderam,

Querem de ti que proves quanto baste,

Que desta raça só heróis nasceram.

Por ocasião de partirem dois moços para a guerra

Para mim nasce o Sol sem claridade;
Envolve-me em tal susto o meu cuidado,
Que nele o pensamento concentrado
Me encobre quanto é menos que saudade.

Embora a Pátria, a honra, a heroicidade
Exija o que poupou meu triste Fado,
Não vacilo: duas vítimas ao Estado
Oferta, voluntária, a lealdade.

Mas que dor, que tormentos e agonia
Mas arranca do peito com um suspiro,
Que desculpe a materna simpatia!

Neste aperto aflitivo, se respiro,

Não vivo já; pois morro cada dia,

De morrer acabando, quando expiro.

Achando-se a Autora doente, em perigo de vida

Este ser, que me deu a Natureza,
Vai desorganizando a enfermidade;
Sinto apagar da vida a claridade,
Doma as corpóreas forças a fraqueza.

Vai crescendo em minha alma a fortaleza,
Quanto cresce do mal a intensidade;
As portas áureas me abre a Eternidade,
E lá cessam cuidados e tristeza.

Vou amar quem somente é sempre amável,
Em oxigéneas luzes abrasar-me,
Nunca errar, nem temer gente implacável.

Vou nos jardins celestes recrear-me,
E no seio de um Deus justo, adorável,
A tudo o que me falta associar-me.

No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente

Adeus, Sol, de outro Sol imagem bela!

Para mim vão teus raios apagar-se;

Vai minha alma ansiosa colocar-se

Onde não há receios, nem cautela.

Em doce paz, sem susto de perdê-la,

Há de enfim ao Supremo Bem ligar-se;

E da maior delícia irá fartar-se,

Transmigando feliz de estrela a estrela.

Não tardes, hora! Evita que este dia

Funeste, recordando antigas penas,

Costume inveterado de agonia.

Não me apresentes mais glórias terrenas,

Sem que as possa gozar; é tirania,

Pois de Tântalo à sede me condenas.

Em resposta a Jónio

Tempera noutro som essa áurea lira;

Não crê Alcipe que te causa espanto.

O seu plectro, banhado há muito em pranto,

Destoa, geme, queixa-se, delira.

Ela assusta-se quando alguém a admira;

Com a luz da Razão destrói o encanto,

Pois do Fado o rigor tem sido tanto,

Que, se canta, conhece que suspira.

O fogo com que Délio resplandece

Só é dado a quem tem contentamento;

Cercado de pesares, esmorece.

A Ventura é quem dá ao verso alento;

Sem ela o génio pasma, desfalece,

Cala-se a Musa, encurta o pensamento.

Lusitânia querida! Se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é de ingrata filha o dó pequeno;
Rebeldes julgo os ais, se te deploro.

Admiro dos teus danos o decoro.
Bebeu Sócrates firme o seu veneno;
E em qualquer parte do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor, que adoro.

Mais que a vitória vale um sofrer belo;
E assaz te vingas de opressões fatais,
Se arrasada te vês, sem percebê-lo.

Povos! a independência que abraçais

Aplauda, alegre, o estrago, e grita ao vê-lo:

«Ruína sim, mas servidão jamais!»

CANÇÕES

Despotismo

Pensamentos, nasci, que Apolo o manda!

Atrevidos nasci, em liberdade!

Quando a mão execranda

Do Poder ou da fera atrocidade,

Vos queira comprimir o voo altivo,

Soltos voai, impávidos rompendo

O véu em que a mentira

Quere simuladamente ir-se envolvendo!

Contra a luz da justiça, tremulando,

Assustados os vícios se arremessam,

A máscara rasgando;

Com vacilante pé, coxos, tropeçam

Ante o gesto brilhante da verdade,
E vão bater com as formas espantosas
Nos escolhos medonhos
Que as Fúrias acarretam, cavilosas.

Levantai-vos, clamores, do meu peito!
Não peses, mão, com a força das cadeias!
É vergonhoso efeito
Do Despotismo, limitar ideias;
Os sustos pusilânimes nasceram
No seio deste monstro assaz fecundo;
Dele, ai de nós! derivam
Os males que hoje inundam todo o mundo.

Como te pintará meu verso triste?
Despotismo cruel, tua face vejo!...

Com Jove te mediste,
Altivo levantando a voz sem pejo,
Antropófago cru, lavado em sangue,
Monstro sem lei, que as leis todas despreza,
E arrasta sem vergonha
O código da sábia Natureza.

Tu, enérgicas almas abatendo,
Em lugar da virtude generosa,
Nelas foste acendendo
Aduladora chama melindrosa.
Do vil receio os corações dominas;
Decorado dos trajes da Prudência,
E espíritos arrastras
Ante as aras profanas da indecência.

O Fanatismo segue-te choroso,
Cinge a corda, o cilício não despreza;
Mas punhal sanguinoso
Esconde para a vítima indefesa;
Levanta os olhos para o Céu que argúe
Com brandos sons, com vozes simuladas;
As entranhas lacera,
E a fraude guia às mentes subjugadas.

Solta, ó Jove, os teus raios sobre o impio!

Cibele antiga, traga este tirano!

Surge, ó severo brio!

Virtude! surge, e vence o nosso dano!

Se uma vítima falta ao Despotismo,

Lília(*) oferece-se aos fados tenebrosos;

Farte em mim seus furores,

E os mais homens, enfim, sejam ditosos.

[() Lília, Lise e Laura, são nomes poéticos que a Autora adotou para si antes de se chamar Alcipe, nome que lhe foi posto por Francisco Manuel do Nascimento, segundo ela mesma diz em uma nota.]*

Escutai-me, altos muros pavorosos,

Regiões de silêncio e de amargura!

Canções de mágoa pura

Gemente solte a lira ao desamparo.

Volve a elástica luz aos Céus formosos,

Se Febo a manda ao vale;

Mas em vão quere a sorte que eu me cale,

Forçando o mesmo Febo a ser avaro.

No peito aflito surge novo canto;

Nasce em nós a harmonia da tristeza;

Exprime com clareza

Um triste a dor que sente, as mágoas suas;

A lira move mais lavada em pranto,

Que de louro virente

Pela Musa enramada, alegremente

Cantando Amor e as lindas Graças nuas.

Que momento haverá que me não desse

Assunto a canto lúgubre e sentido?

Que gesto embravecido

De Fortuna sem tino se olharia

Que contra mim bramindo não volvesse

As mãos estragadoras?

Que não faça colheita em curtas horas

Dos mais ténues indícios de alegria?

Vi daqui a inocente Liberdade,

Qual uma pomba cândida e mimosa,

Vir pousar-se, gostosa,

Sobre os mesmos grilhões que arrasto aflita;

Mas quando o peito (asilo de amizade)

Com as asas branda afaga,

Repara que Fortuna tudo estraga,

E volta aos leves ares onde habita.

Com vagos pensamentos e suspiros

Que um doce, ignoto fogo em mim criava,

O lindo Amor chamava,

A quem nunca pensei fosse importuna

A reclusa inocência dos retiros;

Mas o rapaz medroso,

Sem dó do triste peito lastimoso,

Nunca me ouviu, com medo da Fortuna.

Vibrava o ar ligeiro, terno acento,

Tecido na inflamada fantasia;

Somente o ar gemia,

E aos reflexos que Délio cintilava,

Só trabalhava o simples pensamento.

Assim meus cruéis danos

Menos ríspidos fiz, menos tiranos

– E disto o mundo estulto murmurava!...

Já tudo me fugiu, já não escuto

Mais que o surdo rumor que a mágoa excita.

À Música

De um véu de nuvens finas, guarnecido

De oiro puro, se touca a tarde fria;

Do Céu foge ligeiro o frouxo dia,

A sombra envolve o vale desabrido.

Já sem pejo, por Délio ter fugido,

Solto a voz em demanda da alegria;

Quieto o vento nada respondia,

Entre as folhas e flores recolhido.

Cantei, cantei, até cansar do peito,

E conheci então como a cantiga

Produz contra o pesar mágico efeito.

Assim zombo de ti, sorte inimiga!

Todo o triste que a penas vive afeito

Não chore, pois cantando é que as mitiga.

Acordai, ternas aves, com meu canto!

Esposa de Titão, suspende o pranto!

Se ao filho querido

No peito enternecido

Crias de choro amargo ainda um tributo,

O rosto mal enxuto

Volve a mim, pois que faço hoje a saudade

Primeira saudação da claridade.

Lança os olhos celestes

Nestes campos agrestes,

Suprema Divindade, e reconhece

O asilo em que a minha alma desfalece.

Se males não vulgares

São, Titónia celeste, os meus pesares,

Olha de lá do Céu,

Esquecerás teu dano pelo meu.

Por mais que espalhes rosas matutinas,

Por mais frescas boninas

Que à madrugada o lindo prado ofereça,

Não há bem com que os males meus esqueça.

Em vão, submissa, a dura sorte imploro;

Insensível ao choro,

Aos ais que hoje derramo,

O Destino, que eu chamo,

Indignado responde aos meus clamores,

E cruelmente aos lábios meus aplica

A taça adonde encerra os seus furores.

Em vão queixoso explica

Meu peito em seus suspiros

Os danos meus às grutas, aos retiros:

Átis, se ouve, num tronco transformado,

Insensível se mostra ao meu cuidado;

Anaxarte, que a rocha ainda mais dura,

Não se comove à minha desventura;

O Tejo, que algum dia, se eu cantava,

Erguido sobre as ondas me escutava,

Hoje nem se enternece,

E ao som dos meus gemidos adormece.

Bem pode alguma Ninfa, comovida

De ver tão triste vida,

Contar a minha história com ternura

No bosque ou na espessura:

Os pastores, tão duros como as penhas,

Ao som da branda avena,

Comentam com um sorriso a minha pena,

Mostram mais que de feras ter entranhas.

Sensíveis Passarinhos, até quando

Nesses brandos gorjeios que formais

Haveis de copiar meus tristes ais?

Hei de viver convosco suspirando?

Convosco falam

Estes gemidos,

Que, enternecidos,

Grutas, penhascos, montes, tudo abalam.

Quanta inveja vos tenho, ternas aves,

Que explicais, nesse canto delicado,

Talvez o mesmo que eu num triste brado,

E fazeis vossas mágoas mais suaves!

Oh! se algum dia

Eu, suspirando,

Tornasse brando

O motivo do mal que me agonia!...

Nos salgueiros, nas frescas bordas de água,

No tosco seio de algum tronco informe,

Asilo a vosso gosto achais conforme,

E eu choro em desamparo a minha mágoa.

Do fado injusto

Choro o delírio,

E o meu martírio

Grava Amor em meu peito com bem custo.

Bem que, aves, fôsseis ninfas engraçadas,

E que o fogo amoroso ou terna história

De vós mesmas conserve só memória,

Nos gestos infelices transformadas,

Cortais libertas,

Gemendo, os ares,

E os meus pesares

Eu choro entre prisões, que, ó Fado, apertas!

Se a filha de Corónis sofre a pena

De ver perdido o gesto encantador,

Por clamorosos ais a mágoa, a dor

Faz ouvir a que Palas a condena.

Ao universo,

Voando, a explica,

Enquanto indica

Somente o que eu padeço um rude verso.

Eu vejo suspender-se a natureza

Aos ais que lá no centro do retiro

Exala Filomela; um só suspiro

Da voz não lhe interrompe a fortaleza.

Nem por ventura

Ressoa a gruta;

Atento a escuta

O bosque todo envolto em noite escura.

O quieto silêncio, a obscuridade,

Que geram mil saudosos pensamentos,

Parece que das aves aos tormentos

Por estímulo servem, de piedade.

Queixo-me em vão,

Pois meus gemidos

Ficam perdidos

Nesta insensível, negra solidão.

Basta, triste Canção, que a noite escura

Já manda recolher aos caros ninhos

Os suspirantes, ternos passarinhos,

E em vão lhes conto a minha desventura.

Quando nascer

A madrugada,

Eu, magoada,

Tornarei o silêncio a interromper.

Agua

Turbate son l'onde

Del saggio Hyppocrene.

E Apolle diviene

Ministro d'Amor.

Metast. Asil. d'Amore

Claras águas, de que ouço o murmúrio,

Calado bosque, ermo, que sombrio

Abrigas em teu centro o escuro medo;

O mais terno segredo

Vem Alcipe fiar-vos no seu canto.

Doei-vos, selvas tristes,

Das mágoas que me ouvistes,

Desde que a voz queixosa aos Céus levanto.

Não são as minhas mágoas, não, vulgares:

Inventou para mim novos pesares,

No seu furor, a sorte mais adversa.

Águas! Quanto diversa

Junto das vossas margens estive um dia

– Um dia só contente,

Que o fado cruelmente

Alonga a dor e encurta uma alegria!

Ali na fresca areia destas praias,

Repousando-me à sombra de altas faias,

Via passar a plácida corrente;

Versos alegremente

Ditava Amor ao brando som da lira;

Os Génios namorados

Me contavam cuidados,

Que escutam de Citera a quem suspira.

Nas verduras meus olhos alongando,

Passava o tempo leda; um gesto brando

Enleava meus ternos pensamentos;

Jamais os sonolentos

Filhos do Érebo, males desumanos,

O seu negro vapor Espalharam ao redor

Do asilo em que passei meus tenros anos.

Quantas vezes a Musa me guiava

Ao lugar em que terno suspirava

Petrarca saudoso, que em Vaucluso

Suave fez o uso

Da cítara cadente, repetindo

Aquela branda história

Que lhe pôs na memória,

Com as farpas de Amor, um gesto lindo!

Aonde os pensamentos me levavam!

Parecia-me que as Musas enlaçavam

Com fios de oiro as ramas do loureiro;

Depois, que o Deus flecheiro,

Verdes mirtos colhendo, os ia unindo

À formosa capela

De que a Musa mais bela

Coroou Petrarca – Laura – repetindo.

Sonhos vãos que forjava a fantasia!...

Prazeres que benigno Amor fingia!...

As Dríades me ouviram mil canções,

Que aos ternos corações

Excitaram mil gratos sentimentos.

Hoje, nos troncos duros,

Dos meus fados escuros

Escrevo os tão diversos movimentos!

A minha antiga Musa se desvia,

Só me inspira a cruel melancolia;

Outro Apolo não tenho que o meu dano.

Às vezes de ano a ano

Uma triste cantiga solitária

No centro do retiro,

Seguida de um suspiro,

Arranca do meu peito a sorte vária.

Ó Naides, que do fundo desta fonte

Ouvis o mal que Amor manda que eu conte,

Se acaso minhas lágrimas saudosas

Distinguirdes, piedosas,

Ah! condoei-vos, sim, do dano meu!

Se o mal que eu choro tanto

Paga outro terno pranto,

Dai-me a sorte feliz do claro Alfeu!

Canção, vai, que a levar-te não me atrevo;

Segue longe do meu outro destino;

Enquanto nos pesares que imagino

A minha acerba dor eu, triste, cevo.

IDÍLIO

*Quando, pela moléstia de peito que então sofria, me desenganaram de que não
tinha remédio enquanto estivesse em Chelas, e havia inteira impossibilidade para*

mudar de sítio

Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso

Fazíeis a delícia dos meus dias,

Escutai os gemidos lastimosos

Com que Lília, nas bordas do sepulcro,

Vos envia um adeus, com que saudade!

Passou ligeiro o tempo em que, contentes,

No mais alto do monte, consagrado

Aos cânticos das Musas, felizmente

Vos nutríeis de um pasto que regava

A fresca Aurora com a porção mais pura

Do c que dedica ao filho amado.

Gostáveis um licor sacro e sublime,

Que a alma inflama dos cândidos Pastores,

E os obriga a cantar suavemente

Seus amores nas flautas sonoras.

Que pacíficos gostos eu lograva,

(Ó milagres de Délio!) quando apenas

Da minha pobre avena, mansamente

Os inocentes colos estendendo,

Sentir parecíeis vós esse meu canto,

Parecíeis aplaudir os meus acentos,

Em que a Amor perdoava as travessuras

Com que afligia os míseros pastores!

Outras vezes, que a Amor chamei tirano,
Que só cantei as graças da inocência,
Com que pressa, Cordeiros, me cercáveis,
E com a paz que meus versos inspiravam
Entre os braços do sono vos perdíeis!
Ó memória suave, onde me levas!...
Tais como as densas nuvens que no Inverno
As estrelas aos olhos vão roubando,
A distância me faz ver esse tempo,
Ditoso, mas perdido, ir já cedendo
Ao tirano poder do esquecimento.

Neste vale cruel, onde a desgraça
Ordena que termine os tristes dias,
Escuto só os ventos rugidores,
Arrancando da terra os verdes freixos,

Que abrigavam com as frondosas ramas

Comigo a terna Márcia, a cara Tirce.

O rebanho de Agrário pelos montes

Somente deixa ouvir tristes balidos,

Disperso, quase extinto! Com que pena

Meus olhos tal objeto consideram!...

No espaço imenso dos passados seculos,

Com passos apressados se sepulta

O tempo, que não cessa. A horrenda morte

Com que aspeto a meus olhos (tristes olhos!)

Os descarnados ossos apresenta!

Levanta com furor a enorme fouce,

(Que susto!... ó Céus, valei-me!...) que pendente

Vejo sobre a cabeça... Mostra, irada,

O voraz apetite com que esperava

Fazer presa em meus dias brevemente!

Cordeiros, minha doce companhia,

Com quem já reparti os meus prazeres,

Quando da morte o lívido semblante

Vos mostrar com horror minha figura,

E não puder a mão, trémula e fria,

Sustentar por mais tempo o meu cajado,

(Que jamais vos serviu para castigo,

Que à fonte vos guiava, que ao redil

Vos levou tantas vezes ao descanso)

Ah! não deixeis que algum Pastor profano

À minha Tirce o roube; a minha lira

Nele deixo pendente de um grilhão

Que o maligno Cupido, na cabana

Da mesma Tirce amada, subtilmente

Me trocou pela minha liberdade.

Nos versos meus, que eu confiei dos troncos,

Deixo a fúnebre história dos meus males.

Não consintais que o musgo, o tempo, a sorte

A memória sepulsem do que eu sinto,

Antes que os claros olhos do meu Nume

Derramem, quando os lerem, terno pranto,

E que à memória da constante Lília

Pague Amor os extremos que lhe deve.

Ah! possa a mão de Tirce ainda algum dia

Ao querido Pastor, ao Pai amado,

Com os dons que lhe restam, de uma filha

Compensar os suspiros que hoje exala!

Oh! feliz sorte a vossa, triste a minha,
Cordeiros inocentes, que aos desastres
Insensíveis viveis, que da saudade
Não provais a violência, o golpe amargo!
Não sofreis o poder fero e tirano
Deste duro farpão, que rasga o peito,
Monstro que a alma devora sem piedade.
Ficai sempre felices, sempre alegres,
Que eu, sem ver os objetos que adorava,
Acabo... ó Céus!... meus dias... na amargura!...

Razão, por piedade, esconde

O que eu dentro de alma sinto;

Se amor se mostra em meus lábios

Faze crer que sempre minto.

Não quero que hoje a verdade

Se oponha às leis da razão;

Triunfe a modéstia austera,

Gema embora o coração.

Não acenda um só suspiro

Chama que devo apagar;

Siga-se à dor o silêncio:

Vencer é saber calar.

Quantos males evitara

Esse incauto Prometeu,

Se na férula escondido

Ficasse o fogo do Céu!...

Porque se ama, ou se não gosta,

Inda está mal definido;

O acaso, o fado, a estrela

Forjam armas a Cupido.

Se com desdêns recompensa

Zelina meu vivo ardor,

Não tenho de que queixar-me

Não depende dela amor.

Por ela morro; e não pago

De Alcina os ais com os meus.

Ninguém a razão me andague,

Procure o enigma nos Céus.

Dívida

Logo que Armínio aparece

Ergo os olhos com temor,

Quero falar-lhe, não posso.

Será isto acaso amor?...

Quando fala, não percebo

Que haja um som de voz melhor,

Mais graça, mais elegância.

Será isto acaso amor?...

Se entre aquelas que eu estimo

Fala alguma a seu favor,

Desconfio, tenho raiva.

Será isto acaso amor?...

Se ele se vai, não encontro

Em nada chiste ou sabor;

Nem céu nem terra me agrada.

Será isto acaso amor?...

Se ostenta com as outras belas

Ar polido e sedutor,

Forcejo por lhe ter ódio.

Será isto acaso amor?...

Cantiga Anacreôntica

Dentre as canas buliçosas

Leve Zéfiro respira,

Movem-se as folhas lustrosas,

Amor palpita e suspira.

Nestes doces movimentos

Vão-se as sombras desfazendo,

Vão-se espreguiçando os Ventos,

Lúcifer esmorecendo.

Vai-se a manhã levantando,

Acordam com ela as cores,

Vão com ela despertando

Pardas rochas, lindas flores.

Ante os raios refulgentes

Cessa o tímido segredo,

Abrilham-se as correntes,

Nascem cores no arvoredos.

Sai do seio do descanso

Vigorada a fantasia;

As ideias são mais claras

Na hora em que nasce o dia.

Depois de um sono quieto

Tudo acorda com vigor:

Porque razão quando dorme

Não desperta assim o Amor?

Ciúmes

Cruel Amor, tu que sabes

Rasgar com flechas meu peito,

Tira a venda dos tens olhos,

Põe-na sobre os meus com jeito.

Deixa-me ver a figura

De Armínio continuamente,

Mas cega-me logo, apenas

Armínio for delinquente.

Quando pintado em seu rosto

Triunfa o doce prazer,

Quando me aperta em seus braços,

Brando Amor, deixa-me ver.

Mas se à vista de outro objeto

Acaso o deleite esfria,

De que me serve ter olhos?...

Apaga-me a luz do dia!

Não é de maiores luzes

Que a minha alma necessita;

Não quero saber por quê

Quando vê Sílvia se agita.

De que serve o ver pintada

No seu rosto a inquietação,

Se chega o Correio ou parte?

Aperta-me a venda então!

Sem esta cautela, Amor,

Nulos os prazeres são;

Creio pouco nos sentidos

Se me foge o coração.

Acordai, sons esquecidos!

Estro mudo, replicai-me!

Vinde, números perdidos!

Harmonia, consolai-me!

Da morte as asas escuras

Vêm de sonhos carregadas;

Formam tristes conjeturas

As ideias assustadas.

Ai de mim! a melodia

Evita uma alma agitada;

O terror da fantasia

Faz-me a voz desentoadada.

Eu mesma não sei que temo!

Um desconhecido efeito

Me anuncia, quando gemo,

Que encerro a morte no peito.

O Tejo me viu com vida,

Sem ela o Danúbio e o Reno.

Fere, ó Morte desabrida!

O teu triunfo é pequeno.

Mas tu, objeto que adoro,

Incapaz de esquecimento,

As minhas cinzas recolhe

Em um simples monumento.

Em prémio do amor mais puro,

Este epitáfio convém

Gravar sobre o mármore duro:

Terna esposa, filha e mãe.

Presentimento

Contigo, lira suave,

Dissipo negros cuidados,

Contigo encanto a fastio,

Contigo zombo dos fados.

Dom celeste, amável fogo,

Que Délio acende na mente,

Troca-me estas longas horas

Num só instante contente.

Nasçam das cadentes cordas

Sons que copiem meus ais;

Faça Amor compadecido

Que os paguem outros iguais.

Mas que escuto? ó Céu medonho!

Com feio agouro me bradas...

E a mão incerta na lira

As cordas deixa quebradas.

Contração

Nesta estação delectosa,

Em que os chuviscos baixando

Chamam a verdura aos prados,

Vão as flores acordando;

Quando os botões se desdobram,

Saudando o dia nascente,

E que a terra amolecida

O poder dos raios sente;

Nesta estação é que eu choro,

E a pompa da Natureza

Cubro de um véu denegrido:

Tal poder tem a tristeza!

Flores, sol, botões mimosos,

Vós perdeis a graça, a cor,

Se a estação que vos renova

Não apaga a minha dor.

Sonho

Perdoa, Amor, se não quero

Aceitar novo grilhão;

Quando quebraste o primeiro,

Quebraste-me o coração.

Olha, Amor, tem dó de mim!

Repara nos tens estragos,

E desvia por piedade

Teus sedutores afagos!

Tu de dia não me assustas;

Os meus sentidos atentos

Opõem aos teus artifícios

Mil pesares, mil tormentos.

Mas, cruel, porque me assaltas,

De mil sonhos rodeado?

Porque acometes no sono

Meu coração descuidado?...

Eu, quando acaso adormeço,

Adormeço de cansada,

E o crepúsculo do dia

Me acorda sobressaltada.

Arguo então a minha alma,

Repreendo a natureza

De ter cedido ao descanso

Tempo que devo à tristeza.

Que te importa um ser tão triste?...

Cobre de jasmims e rosas

Outras amantes felizes!

Deixa gemer as saudosas!

Sozinha no bosque

Com os meus pensamentos,

Calei as saudades,

Fiz trégua a tormentos.

Olhei para a lua,

Que as sombras rasgava,

Nas trémulas águas

Seus raios soltava.

Naquela torrente

Que vai despedida

Encontro assustada

A imagem da vida.

Do peito, em que as dores

Já iam cessar,

Revoa a tristeza,

E torno a penar.

Às saudades do meu Jardim

Saudades! porque sois lindas?

Porque prosperais aqui?

Porque neste sítio triste

Flora meiga vos sorri?

Desse tempo em que falavam

As flores, se recordou,

E a Saudade enternecida

Deste modo replicou:

– «Se aqui com pompa floresço,

É porque o meu alimento

São pesares, mágoas, dores,

E nutre-me o sentimento.

Se uma aura feliz soprasse,

E Alcipe se consolara,

Eu perdera a cor, morrera,

E toda me desfolhara.»

A um pirilampo

Encantador pirilampo,

Adorno da noite em Maio,

Vem luzir neste meu canto,

Dá-me desses teus um raio!

Tu das estações incertas

Nada temes, nada provas;

Dá-te vida a Primavera

E o bafo das flores novas.

Não morres, mas adormeces

Enquanto os ventos irados

Açoitam as altas faias,

Dessecam os verdes prados.

Ah! se, como tu, pudesse

Dormir, quando as tempestades

Dos desastres alvoroçam

No meu peito mil saudades!...

Não queria viver mais

Que o tempo que tu existes.

De que servem tantos dias,

Quando são todos tão tristes?

A um Mocho

Triste pássaro, que tens?...

Esse tom dos teus gemidos

Não é tom que desconheçam

Os corações afligidos.

Tu calas-te enquanto Febo

Dispensa com fausto o dia,

E só confias das sombras

A tua melancolia.

Também eu, como tu, gemo,

E fujo da claridade,

Que importa pouco aos humanos

A minha cruel saudade.

Mas quando a severa Hécate

As sombras negras evoca,

Todo o silêncio do dia

Em suspiros se me troca.

Solto então o freio ao pranto,

Ao desafogo abandono

Essas horas que os ditosos

Entregam a doce sono.

Nem eu nem tu procuramos

A piedade dos humanos.

Uma compaixão estéril

Entra na lista dos danos.

Ao clima de Inglaterra

Bárbaro clima,

Que escolhe a sorte

Para que a morte

Reine sem dó!

A terra perde

A vida, a cor,

Perde o vigor,

E gela só.

Saraiva espessa

Torpor espalha,

Tudo amortalha

A neve só.

Expulsa a fome

Do brando ninho

O passarinho,

E acha-se só.

Se salta a um ramo,

Frio novelo,

Que forma o gelo,

Encontra só.

Se ao ninho torna,

O gelo o fecha,

E em vão se queixa

O pardal só.

Sem grão, sem ninho,

De frio morre;

Se a alguém recorre,

Ninguém tem dó.

Saudade

A uma flor chamam Saudade,
Que é primor da natureza;
Mas a que nasce em meu peito
É produção da tristeza.

Enquanto a saraiva, os Notos
Destes gelados países(*)
Açoutam as plantas, cresce,
Lança profundas raízes;

[() Reino Unido, onde a autora se achava.]*

Mas se um dia, transplantada,

Outro terreno buscar,

Alívio terá meu peito,

E a Saudade há de murchar.

Como está sereno o Céu!

Como sobe mansamente

A lua resplandecente,

E esclarece este jardim!

Os ventos adormeceram;

Das frescas águas do rio

Interrompe o murmúrio

De longe o som de um clarim.

Acordam minhas ideias,

Que abrangem a Natureza,

E esta noturna beleza

Vem meu estro incendiar.

Mas se à lira lanço a mão,

Apagadas esperanças

Me apontam cruéis lembranças,

E choro em vez de cantar.

Sonho

Sonhos meus, suaves sonhos,

Sois melhores que a verdade;

Quando sonho sou ditosa,

Sem o ser na realidade.

Amor, tu vens nos meus sonhos

Acalmar-me o coração:

Mas, cruel! quanto prometes

Não passa de uma ilusão!

Sonhei, tirano, esta noite,

Sonhei que tu me chamavas,

E que sobre a relva branda

Tu mesmo me acalentavas.

Disseste-me: «Dorme, Alcipe,

Depõe todos os teus cuidados;

Amor sobre ti vigia,

Mal podes temer os fados.»

Dormi: neste dobre sono

Me achei num palácio de ouro;

Entregaram-me uma chave

Para que abrisse um tesouro.

– «Chave mágica, sublime,

Que me vais tu descobrir?

Se é menos do que desejo,

Será melhor não abrir...»

– «Abre, Alcipe» – qual trovão

Brada o Deus que me vigia.

Acordei sobressaltada,

E abriu-se, mas foi o dia.

Cantiga patriótica, na guerra peninsular

Que intentas, Tirano?

Vencer Portugueses?

Almas generosas

Não temem reveses!

No campo da glória,

Vencendo ou vencidos,

Quais rochas constantes

Nos vês destemidos.

Se férreas cadeias

Nos prendem os braços,

Nossas almas livres

Desprezam teus laços.

A terra ensopada

No sangue mais puro,

Ao Céu justiceiro

Te acusa, perjuro!

Se tardam seus raios,

Se é lenta a vingança,

Já vem no horizonte

A nuvem que os lança.

(Em 16 de Setembro de 1836)

Apenas desponta a Aurora

Despertam meus pensamentos:

Ressalta o mundo das trevas,

E anula pressentimentos.

A meus olhos dão recreio

Um monte, um vale, uma penha;

A cascata que entre rochas

Com ruído se despenha;

Relva que o chão alcatifa,

Troncos que aos Céus se levantam,

Aves que, os ares cortando,

Com seus gorjeios me encantam.

Ah! se o resto dos humanos

Pudesse esconder paixões,

Inda houberam subsistência

As suaves sensações.

Mas quais ventos furiosos

Que precedem tempestade,

Em partidos se dividem

Os membros da sociedade.

Da razão cessa o luzeiro,

Desfigura-se a beleza,

O terror seu lugar toma,

Enluta-se a Natureza.

Criador deste Universo!

Gela no peito a ternura.

Ou me acolhe nos teus lares,

Ou dissipa a desventura.

Quem diz que amor é um crime

Calunia a natureza,

Faz da causa organizante

Criminosa a singeleza.

Que vejo, Céus! que não seja

De uma atração resultado?

Atração e amor é o mesmo;

Logo, amor não é pecado.

Se respiro, a atmosfera,

Com um fluído combinado,

É quem me sustenta a vida

Dentro do peito agitado.

Se vejo mares, se fontes,

Rio, cristalino lago,

Dois gases se unem, formando

Águas com que a sede apago.

Uma lei de afinidade

Se acha nos corpos terrenos;

Ácidos, metais, alcális,

Tudo se une mais ou menos.

De que sou feita? – De terra;

Nela me hei de converter:

Se amor arder em meu peito

É da essência do meu ser.

Sem que te ofenda, Razão,

Quero defender Amor;

Se contigo não concorda

Não é virtude, é furor.

QUANDO ME PENHORARAM INJUSTAMENTE TODOS OS MEUS
BENS

À Fortuna

Fortuna, que me persegues!

Pequeno triunfo teus:

Eu desejo só vontades,

Tu disputas-me vinténs.

Basta-me o que me deixares,

Quando tudo me lewares.

Basta-me esta alma que tenho,

Constante como os penedos;

Bastam-me as águas das fontes,

E a sombra dos arvoredos;
Ponho-me ao fresco no Estio,
E aqueito-me, andando ao frio.

Basta-me o Sol, que não podes
Apagar, e à noite a Lua.

Se me tirares a casa,

Irei dormir para a rua.

Sopa, não me dá cuidado,

Tem muitas plantas o prado.

Se o teu rigor se estendesse

A tirar-me o meu tinteiro,

Escreveria nos troncos,

Com um prego, este letreiro:

«Vim ao mundo sem camisa,

Ninguém morrendo a precisa.»

ODES

Às Parcas

Voai, votos sinceros, votos puros,

Suspiros da minha alma, meus gemidos,

Cercai esses sepulcros horrorosos,

Movei as tristes cinzas!

Ossos mirrados, descarnados membros,

Sombras da morte, lívidos semblantes,

Manes errantes sobre tristes bordas,

Escutai meu lamento!

Aonde estais, Supremas Divindades,

Inexoráveis filhas do Destino?...

Sobre altares de rosas consertados

Não faço sacrifícios.

Eu não invoco os Numes saudáveis

Que presidem ao claro nascimento

Do mortal que depois cercam desgostos:

Invoco as feias Parcas.

Sobre os túmulos tristes, que a memória

Só conservam da morte, escolho as aras,

E, misturados com o vapor dos mortos,

Voam meus ais sentidos.

Pela mãe conduzida, desces, Deusa,

Com passos firmes, inflexível Cloto,

E no fundo da triste natureza

Soa voz poderosa.

Treme o mortal, que nesse rosto pálido

Fixa os olhos, de lágrimas banhados,

E apenas acostuma a fraca vista

Ao teu medonho aspeto.

Já Láquesis ansiosa volta o fuso;

Acumulando dias sobre dias,

Com ímpeto os sepulta tristemente

No acerbo esquecimento.

Treme a terra; as palpitantes almas,

Das bordas do sepulcro espavoridas,

Quase, de entre os suspiros, que se arrancam

Já dos humanos laços.

As três irmãs, as voadoras Horas,
Contemporâneas do antigo Tempo,
Incansáveis nos ares se suspendem,
De susto estremecendo.

Parecem os momentos preciosos,
A leve ocasião medrosa voa,
E já da luz aos raios vão fugindo
O sono e a noite densa.

Num escolho quebre as ondas o mar negro,
Rasgue os ares o raio fuzilante,
Rebente em tempestade a nuvem escura,
Que o Sábio não vacila.

Entre montes de fumo e negro lume,

Nos ares vibra o gesto descorado

De Átropos... e o pálido desmaio

Cobre o mortal semblante.

Sobre o vento com fúria desmedida,

Bóreas arranque os troncos na espessura,

Em granizos e raios se desfaça

A nuvem tempestuosa.

Turbe-se o ar, vacile o pavimento,

Ao fundo corra a nau, os bens se percam,

Que na fatal boceta ainda nos resta

O raio de esperança.

Mas se tu desces, Deusa, dos teus golpes

Quem poderá fugir? Qual gruta escura,

Qual segredo da terra nos esconde

Dessa fatal tesoura?

Entre o prazer, nas mesas delicadas,

De mirtos florescentes adornados,

Cuidamos de esconder com a alegria

Da vida o ténue fio.

Cercados dos Amores, mil falanges

A tua fúria opomos, defendendo-o;

Resguardam-no mil bens acautelados,

Ó Céus! que inutilmentel...

Nos Cíprios bosques, nos suaves leitos,

No seio do prazer, somente um sopro

O levanta, e tu, logo apercebida,

O fero golpe vibras.

Ali colhes da moribunda boca

O derradeiro, o último suspiro;

Ali te fartas, sim, de sangue humano,

Já meio congelado.

E logo, sacudindo as asas, largas

Sobre o terreno o mísero despojo,

Pálido, frio, pasto em poucas horas

Da corrupção faminta.

Tu, suprema Deidade, tu me escuta!

A ti voam meus votos; não te peço

Que respeites meus dias; estou cansada

De lutar com o desgosto.

Porém escolhe o instante em que eu respire

Tranquilamente, unida com a virtude.

Cloto! Deixa que a paz sustente um pouco

Esse fero instrumento!

E tu, Láquesis, tu, Deusa inumana,

Que imerges na amargura o fio triste

Dos meus anos; consente que o que resta

Doure a tranquilidade!

Se aplacar-vos consigo, ó Deusas, voto

Equivocar meu último gemido

Com um sorriso brando, a voz extrema

Ser bendizendo as Parcas.

HINO MATINAL

Desperta, coração! A minha alma, acorda!

Ocupa-te em louvar o Ser dos Seres.

Chama-te a roxa Aurora para veres

As obras que criou o Omnipotente,

Para exaltares dele a mão clemente.

Já por detrás daquele oriental monte,

Já o esplêndido Sol, já vem subindo:

Os vales, orvalhados, vão luzindo

Com a inundação brilhante que derrama

Sobre eles do astro belo a ativa chama.

Um vapor nebuloso, lá distante,

Flutua em torno aos montes levantados;
Cobre o espaço dos lagos sossegados,
Sobe depois aos ares; vai crescendo,
E em nuvens bastas vai-se convertendo.

Meio acordada, a bela Natureza
Despe da névoa o manto, e docemente
Sorri para a manhã resplandecente,
Que, trazida dos ventos, vem baixando,
E nos floridos prados descansando.

Do seio dos frondosos troncos, rompe
Alegre bando de aves sonoras;
Rasgam do ar as plagas espaçosas,
E da luz o retorno festejando,
Vão concertos harmónicos formando.

Astro do dia! Origem bem-fazeja.

Das bênçãos do Senhor, eu te saúdo!

Qual Serafim celeste, enchendo tudo

De favores, em tudo, por seu mando,

Os teus etéreos raios vens soltando.

De ti decorre, fonte interminável,

O princípio das cores, a luz pura,

Cuja torrente exalça a formosura;

O benigno calor de ti dimana,

E a força que enobrece a vida humana.

É de ti, como em trono manifesto,

Que alguns raios do Altíssimo disparam;

Do globo opaco as forças se reparam,

Abrilhanta-se o rio, as flores coram,

Orna-se a terra, os seres se vigoram.

Àquele Deus, que só contemplar podem

As celestes essências reverentes,

As frescas flores, realçando as frentes,

Os mais doces perfumes lhe dedicam,

E a seu modo também o magnificam.

Com ténues asas, sussurrando alegres,

Mil insetos aqui e ali volteiam;

O matutino orvalho saboreiam,

Giram brincando, e bem que tudo ignoram,

As leis do Criador seguem, adoram.

Que doces vêm da abóbada azulada,

De entre as folhas das árvores frondosas,

As cantigas das aves deleitosas!

A alegria, que os papos lhes dilata,

Em concertos suaves de desata.

Extasiadas formam seus gorjeios.

Monótono assobio uma ali solta

Com que o eco afinado acorda e volta,

Quando estoutra desfecha da garganta

As modulações várias com que encanta.

Quem louvarão, senão quem tudo pode?

Tua bondade sentem, bem que entregues

Ao sentir só, meu Deus, e que tu negues,

As almas brutas, asa que as levante

Da tua essência à ideia relevante!

Tu porém, ó minha alma, o Senhor louva,
Que asas te deu potentes, que te lançam
Sobre tudo o que existe, e Deus alcançam
Em si mesmo, e amoroso te destina
À sociedade angélica, divina.

Se mal as tuas forças correspondem
Com o ardor dos teus desejos, balbucia
Seus louvores, enquanto alta harmonia
E dos filhos da Luz vozes sagradas
Ressoam nas esferas encantadas.

Bendito sejas, pois, que me acordaste
Para vir contemplar do novo dia
As cenas variadas de alegria;

Que me deste vigor que me conforte,

Com o sono, que é símbolo da morte!

Se ainda vêm os meus olhos tuas obras,

Se ainda escuto a voz doce da amizade;

Se meu corpo ainda tem capacidade

Para servir minha alma, e que esta absorta

Te louva e com teu nome os ares corta;

A tua bondade, Eterno, é que o permite.

Minha existência, força, movimentos

Cumpram sempre fiéis teus mandamentos;

E no Livro da Vida resplandeça,

Junto a meus dias, este que começa.

Abençoadas horas fugitivas,

Para onde voais? À Eternidade?

Já vem chegando aquela da Verdade;

Sem a sentir, minha alma, flutuando,

Vossa mansa corrente a vai levando.

Quão breves são as horas que vivemos!

Quantas se passam, quantas! sem gozarmos,

Sem sacrifícios puros consagrarmos

A nosso Pai celeste, e despedida

Corre sem ações nobres a nossa vida!

Possa do tempo a rápida carreira

Lembrar-me como a morte já me assalta;

Mostrar-me o pouco tempo que me falta

Para dispor-me a entrar com santidade

Nos domínios da vasta Eternidade!

Comunique importância a minhas obras

Tão grande pensamento; encha-me a mente

De compunção sublime e permanente;

Dê prudência às empresas dos meus dias,

E santifique as minhas alegrias.

Da perfeição da minha natureza

Meus desejos aumente; e a intensidade

Aqueça em mim o amor da humanidade:

Dome a paixão que mais me desatina,

E me impede viver vida divina.

Pai dos Anjos e homens, bem conheces

O labirinto bárbaro e intrincado

Onde vago, e onde é tudo rodeado

De atrativos funestos e perigo...

Senhor! não me abandones, vem comigo!

Não posso um passo dar se não me assistes,

Se a tua mão piedosa me não guia;

Não sei seguir-te, não, qual te seguia,

Filho do Eterno, o teu Discípulo amado;

Ou, Madalena absorta, ir a teu lado.

Consolador Espírito Divino!

Fonte de sapiência e de verdade!

Desce em minha alma, desce, por piedade!

Quando enfraqueço, vem reanimar-me!

Quando erro, conter-me ou castigar-me!

Quando a malícia humana me revolta,

E que alheio rancor me tiraniza,

A minha alma indignada tranquiliza!

Espírito de paz, faze que acerte,

E a cólera em sossego me converte!

Se uma ofensa me fazem, põe-me à vista

Do puro Amor a imagem sanguinosa,

Salvando a raça ingrata e criminosa!

Troca-me da vingança os movimentos

Em suaves e ternos sentimentos!

Se o sopro da soberba, tenebroso,

Vier entumecer meu fraco peito,

Serena deste vento o louco efeito!

Mostra-me o lodo vil, o pó, o nada

De que a minha existência foi tirada!

Quando as Sereias do deleite venham
Com seus cânticos doces desgarrar-me,
Espírito Celeste! vem lembrar-me
Que os gostos curtos são, se os não achamos,
E, em fonte além da morte, os não buscamos!

Distribuidor dos bens! faze que eu seja
Nula para os prestígios da vaidade,
Imóvel a ameaços da maldade!
Que me atreva, entre gente depravada,
A ser justas constante, moderada!

Une-me ao teu querer, sem pejo ou susto
De que segui-lo cause o meu destroço!
Que posso desejar, que temer posso,

Se Anjos me guardam, Céus é que me esperam

E os meios de alcançá-los se me deram?

Cheia de confiança e de sossego,

Espero quanto houveres resolvido;

Pois sabes o infortúnio mais subido

Trocar em bem, e vai sempre segura

Nas tuas mãos a débil criatura.

Por entre este deserto árido e seco,

Cedo vou terminar minha viagem.

Outros tempos virão de que a passagem

Não se mede por períodos solares,

Por meses, dias, horas regulares.

Séculos de delícia como instantes

Irão correndo, isentos de saudade;

Outros virão de igual felicidade,

Cheios de Deus e prémios da esperança,

Todos fartos de bem-aventurança.

ELEGIA

Amáveis solidões, bosques sagrados,
Que nas noites tranquilas livremente
Prestais um doce abrigo aos desgraçados;

Dos meus olhos a límpida corrente
Deixai-me desatar; suspiros, brados,
Expliquem sem receio o que a alma sente.

Tu, Cíntia, cuja luz fraca e serena
Parece que de Cária refletira,
Não culpes o que indica a minha pena.

Se em minha alma inflamada Amor delira,

Desculpas deste mal, que um gesto ordena,

As dera Endimião, se não dormira.

Males tão novos, males tão tiranos

Vão consumindo a minha triste vida,

A doce primavera dos meus anos;

Que até tenho a memória já perdida

Daqueles suavíssimos enganos,

De que a lembrança me era tão querida.

Aqueles prados vejo que algum dia,

Mesmo apesar da pálida tristeza,

Doiravam mil indícios de alegria;

Tão agrestes, tão cheios de aspereza,

Que só inculcam morte; nem já sinto,

De alheia, responder minha firmeza...

Um não sei quê de falso lhe pressinto

Naquela que fez meus contentamentos,

Que em chamar-lhe o meu bem não sei se minto.

Consequências fatais de uma saudade!

Que me tem a tal ponto reduzido,

Que nem sei esperar felicidade!

Vou vivendo por modo que duvido

Alguns instantes se serei já morta:

Tal anda com meus males meu sentido.

São isto extravagâncias da ventura,

Que chegam a obrigar quem, como eu, passa

A não saber se está na sepultura.

Mas sou tão costumada com a desgraça,

Que duvido, se acaso o bem tivera,

Até que o mesmo bem me satisfaça.

Porque Fortuna vária é tão severa,

Que, se me vir ao mal habituada,

Então me dará bens que eu não quisera.

Falsos bens, falso amor e falsa glória,

Tiranos que iludis quanto imagino,

Ou vinde, ou me fugi já da memória!

Mas se ordena que eu morra o meu destino,

Dure depois da morte a tema história

Do que eu sofro por um gesto divino.

Se à Ninfa, que de amores se perdeu

Pelo Moço gentil que a desprezava,

Depois da morte a voz se concedeu,

Eu suspiro como ela suspirava,

Eu choro, e só procuro, justo Céu,

Testemunhe o meu pranto o que eu chorava.

Depois de terminados os meus dias,

Neste vale se escutem meus gemidos,

Intérpretes das minhas agonias.

Os rios dos meus olhos submergidos

Não sejam; respeitai, selvas sombrias,
De mim meus ais, meu pranto divididos.

Basta já, males meus! Para matar-me,
Mais nada se precisa que as lembranças
Do quanto vós sabeis atormentar-me.

Mas na perda das minhas esperanças,
Se da Parca depressa encontro o corte,
Na morte contra vós tenho as vinganças,
Pois não podeis vencer-me além da morte.

Poder do génio e da razão

Espírito, que rompes leve os ares,
E ou já no seio amável de Polímnia,
Ou sobre vários mundos, Pindos novos,
Discorres sem limite;

Vê em torno de ti minhas cadeias,
Em pedaços desfeitas; os estorvos,
Objetos do teu riso e teu desprezo;
Bate ligeiro as asas!

Quem pode constranger a ideia humana?
Quem da firme razão quebra o ditame,
Opondo-lhe distâncias, ferros, muros?

Quem nos divide, Agrário? (*)

[() Agrário, meu pai, que estava então preso no Forte da Junqueira (Nota da Autora).]*

Aqui, onde a matéria me circula

E o curto espaço quase me sufoca, (*)

Fechando os olhos, triste, ao negro objeto

Que os grilhões me apresentam,

[() Aludo à minha cela no Convento de Chelas (Nota da Autora).]*

A mente me rodeia a luz de Apolo,

E em cantigas as Musas desenvolvem

Os segredos que Palas traz recentes

Do cérebro de Jove.

Pouco importa que os séculos passados

Um Sócrates absorto aos Céus presentem;

Que Platão, meditando a Divindade,

Respire o ar de Atenas;

Que do frio Danúbio as praias honre

Do sábio Alceste(*) o berço venturoso,

Que ou já na sociedade, ou no retiro

Profunde a natureza;

[()O Doutor Inácio Tamagnini (Nota da Autora).]*

Que Almeno(*) lá nos ermos solitário

Derrame nos seus números suaves

O espírito de Horácio, imagens lindas

Que as Musas lhe debuxam.

[()Frei José do Coração de Jesus (Nota da Autora).]*

Tece a pura razão áurea cadeia,

E num tempo, num sítio une gostosa

A Sócrates, Platão, Alceste, Almeno,

E Alcipe, que os estuda.

Ao túmulo da minha Filha()*

Feliz quem pode com ligeiros passos

Calcar da morte a larva sonolenta,

Entregando à escura Eternidade

As horas da tristeza!

Sombras da Noite) lúgubres ciprestes,

Que o sol, medroso, da sua luz não toca,

Vós guardai um tesouro, que rodeiam

Mil gemidos maternos!

As tuas cinzas, ó filha, com que eu cubro

De morte e horror as horas mais ditosas,

Com o sopro dos meus ais revolvo sempre,

Cobrem-me a frente aflita!

[() Maria Regina, que morreu de muita tenra idade, em Viena de Áustria (Nota da Autora).]*

Ao Meu Filho

(Imitada da ode 2^a do livro III de Horácio:)

Angustam, amici, pauperiem pati, etc.

Ano de 1813

Convém que aprenda nas mavórcias lides

O mancebo a sofrer dura pobreza;

Que com a lança enristada rompa os Francos,

Pasme os Bretões vaidosos,

Que no seio do risco os dias passe,

Que na rasa campanha passe as noites;

Que ao fero aspeto seu tremam de susto

As esposas e as noivas.

– «Ai de nós! (suspirando, aflitas digam)

Não queira o Céu encontrem os consortes

Leão tal, que entre mortes ira impele

A devorar quem topa».

Pela pátria morrer é nobre, é belo!

Inútil é fugir; persegue a morte

O tímido que vil as costas volta;

Não dá quartel aos fracos.

Eia, filho! A virtude não aceita

Repulsas que lhe envia a torpe inveja;

Não dependem do arbítrio vão da plebe

Honras que intacta alcança.

Pelos ares vedados abre estrada

Aos Heróis imortais, aos Céus os leva;

Longe do térreo lodo e vulgo insano,

Rápido voo toma.

Prémio certo também alcança aquele

Que, os mistérios divinos respeitando,

No coração os guarda, e a vida inteira

A Deus e ao bem consagra.

Não quisera viver com! quem profana

Religioso rito; aventurar-me

No mesmo lenho, sobre as ondas bravas,

Com infiéis, com ímpios.

O desprezo das leis os Céus irrita.

Quem sabe se inocentes e culpados

Confundiria o Céu, quando o castigo

Infalível descesse?

Bem que tardia e coxa seja a pena,

Que pareça dormir ou descuidar-se,

Atinge enfim quem erra; não escapa

O ímpio ao que merece.

Pela morte do meu irmão o Marquês de Alorna, D. Pedro de Almeida

(Imitada da ode 21^a do livro I de Horácio:)

Quis Desiderio sit pudor, etc.

Ano de 1813

Que limite porei à dor, ao luto

Com que tão caro objeto chorar devo?

Ordena o canto, lúgubre Melpómene,

Filha do Deus dos Versos!

Tu, que teu Pai dotou de voz canora,

Unida à lira harmónica, suspira!

Perpétuo sono oprime o heroico Alorna,

Triunfa dele a morte!

Súplica branda não revoca o Fado,

Quando uma vez, com a vara inexorável

De Mercúrio, ao rebanho tenebroso

Agrega qualquer alma.

Honra, justiça, irmãos incorruptíveis

Da boa fé, da nítida verdade,

Onde achareis alguém igual de Alorna?...

A terra não tem tanto.

Muitas lágrimas esta morte custa!

Nenhumas tão amargas como as minhas.

Em vão devota os Deuses importuno;

Nem têm crédito as preces.

Os Deuses por um tempo nos emprestam

Sobre a terra o que é digno só do Olimpo;

Nas eternas moradas se recolhe,

Desampara os humanos.

Se nas selvas, com cítara suave,

Eu, qual trácico Orfeu, cantar soubera,

Nem assim voltaria o sangue, a vida

À sombra vã que foge.

Destino fero!... Mas a paciência

Aligeira os pesares, os desastres

Que não pode vencer força nem arte,

Que a razão não corrige.

A Filinto

Ano de 1813

Non é ver que sia la morte

Il peggior do tute i mali.

Metastácio

Fui, como tu, Filinto, arremessada,

Pelas ímprobas mãos da Sorte adversa,

Contra os escolhos que num mar de angústias

Acumula a desgraça.

Cercou, longe de mim, a meiga Dafine(*)

As portas da existência; a luz serena

Dos seus olhos celestes apagou-se;

Pereceram as Graças.

[()Minha irmã (Nota da Autora)]*

Estranha terra cobre o Luso Turno,^(*)
Que espedaçaram deslembrados Numes,
E a Pátria, que em vaneios despedaça
Santos, fidos Penates.

[() Meu irmão (Nota da Autora).]*

A morte sem cessar, com a fouce acerba,
Exornou-me sem dó; fiquei qual tronco
Que os ventos furiosos desfolharam,
Que tisonaram coriscos.

Foram-me inúteis délficos tesouros,
Que na infância comigo repartiste;
Escasso lume apenas me arde na alma,

Que este incenso te envia.

São, Filinto, relíquias do teu estro

Que me aquecem da lira as dóceis cordas;

São tuas odes mágicas que acordam

A sonolenta Musa.

És tu quem me arrebatas, quem me levas

A encarar nas Olímpicas mondas

Com o Pai da heroica tuba e excelsos Vates,

Que emulas ou desbancas.

Contigo vejo erguer do vítreo trono

O agastado Neptuno, e me envergonho

Que inertes no estaleiro os lenhos durmam,

Sem atentar na glória.

Que Dabul ou Cochim, que tanto sangue

Aos Almeidas custou, farte a cobiça

Do fofo avaro, auri-sedento bruto

Que alheia fama apaga.

Mas surge, ó Noite! Plácida refresca, (*)

Com teu sombrio e sossegado aspeto,

A cálida tristeza que me lavra

O ansiado peito!

[() Alusão a uma ode belíssima de Filinto]*

Ao Vate ilustre que em teu seio acolhes

Legou Anacreonte a rósea solfa,

Com que Acidália mesma carinhosa

Acalenta Cupido.

Versos acesos no amoroso fogo,
Versos que ateiam férvido heroísmo,
Versos que põem a lira a par da tuba,
À fama o recomendam.

Ditosos Coridon, Elpino, Olindo!
Já sobre vós não pode nada a mortel!
Triunfantes ireis, calcando as eras,
Sobre as asas do Vate.

Mas Alcipe, a quem pôs nas mãos o plectro!...
Duas vezes à morte submetida,
Cessará de viver... É pouco... é nada...
Mas se esquece a Filinto!

Insónia em a noite de 8 de Outubro de 1824

Infeliz noite, só te não pareces,

Na agitação, com a morte taciturna!

Morrer é nada; é mais o que padeço

Nesta noite funesta.

Que multidão de mágoas me repete,

Aterrada, a penosa fantasia!

Como com ígneos traços me debuxa

O quadro dos meus males!...

Esposo, filhos, pais, irmãos que amava,

Que nunca mais verei, com que dureza

Mos mostra a corrupção devoradora

No sepulcro fechados!...

Do parentesco os vínculos suaves,

Os laços deleitosos da amizade,

Em pedaços desfeitos, ou trocados

Pela fria indiferença!

O bando dos prazeres carinhosos,

Por acervos pesares suplantado,

Expulsa-o dos meus lares a Tristeza,

Assusta-o minha Sorte.

Aplacai-vos, ó Fúrias, ó Saudades!

Já não cabeis no peito... Ou cresci tanto

Que se apague este sopro que alimenta

A minha infeliz vida!

Dos passados instantes mil imagens
Vem funestar de novo o pensamento;
E a dor, que o tempo noutros aniquila,
Em mim se perpétua.

Se ao menos mais ditosa a Pátria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Céus o acolheriam.

Pátria! nome sagrado! Com que fúria
Me persegue um cruel pressentimento!...
Quão inúteis lições lhe deu a Sorte
– Terremotos, revoltas!...

Sorveu a terra as torres, os palácios,

Sumiu a morte as gentes a milhares:

Desta lição tão áspera os preceitos

Anulou o descuido.

Das ideias erradas o fermento

Produziu nova série de infortúnios:

Fomos Francos, Hibérnios, só não fomos

Sensatos Portugueses.

Ah! se não renascer com a Pátria a glória,

Se a Ciência e a Justiça ainda dormitam,

Se a Moral não desperta, a Indústria acorda,

– Ao Nada caminhamos!

À feliz reconciliação de Portugal e Brasil

Quia multis et magnis tempestatibus

vos cognovi fortes fidosque mihi...

SALÚSTIO

Nunca a lisonja mascarada pôde,

Por mais que me acenasse com a fortuna,

Extrair-me da mente uma só rima

Em cortesana gala.

Hoje sobre a minha alma funde o Estro;

Qual águia vigorosa me arrebatá

Ao magnífico alcáçar que alumia

A presença de Febo.

Enfio a senda que trilharam Vates,
E em majestoso assento avisto aqueles
Que hoje na terra, em pó, calados jazem,
No sepulcral silêncio.

Um se levanta, e grita: – «Alcipe!... Alcipe!...
Toma o laúde, a Pátria afoita aplaude!
Canta como cantei, alteia as vozes,
Tanto o assunto demanda.»

A auréola que a egrégia frente lhe orna
Mais brilhante parece, mais realça
O Vate, que, atrevido, Apolo encara,
E altivo assim lhe fala:

– «Vales tu, Deus lustroso, o nosso Nume,

Que com mão paternal do trono emborca

Sobre os Povos torrentes de sossego,

Há tanto foragido?...

Repartiste do Céu o azul domínio

Com o teu Faetonte? Acaso em áureo laço,

Ao teu coração preso, lhe impediste

Precipitada queda?

Os teus raios acaso, competindo,

Na miúda atenção, com a Providência,

Depositam nas mãos do filho um sólio?

Domam feroz discórdia?

Espavorida aos antros se retira

Essa filha do Caos; brama, espuma,

Enquanto vem guiando horas ditosas

Afortunados dias;

Dias de paz, cercados dos sorrisos,

Com que as Graças decoram a Abundância

Em que, sem deslustrar-se a dignidade,

Se afortunam Impérios.

Do mar, vedado à Indústria, se abre a porta;

Da Fluminense praia varre ambages

Astuta a Sapiência e a dextra augusta

Do melhor dos Monarcas.

Quem do futuro o véu levantar pode?

Quantos bens tem o cofre do Destino

Ainda aferrolhados, mas previstos

Pelo Pai, pelo Filho!

Ingratos corações, sufocai sustos!

A grandeza, a extensão reside em almas!

Prestai meios de glória a quem vos rege,

Vencei as Sirtes de África!

Mora no seio de espelunca ignota,

Insondável aos míopes humanos,

Uma Deusa, que paga heroicos feitos

Com prémio inacessível.

Seu cortejo são séculos e séculos,

Heras, que em seus domínios reverdecem;

Ornam seus aposentos áureos cofres,

Cheios de grandes nomes.

São palmeiras giganticas que assombram

O pórtico da entrada. Lusitanos!...

Com fadigas honrosas apressai-vos

A colher os seus ramos!

Gama, Cabral, zombando de borrascas,

(Como vós podeis ir) foram colhê-los:

Vencei Númidas, renovai Palmiras,

Ganhai a Eternidade!»

Às Musas adormecidas

Musas, quer há tempos, mágoas prolongadas

Calaram sem piedade! Ouvi meus brados!

Surdi das Helicóneas grutas, vinde

Acolher-me de novo!

Qual navegante que a borrasca arroja

Por incógnitos mares, e a quem foge

A terra que procuras baixos, penhas,

É quanto aflito encontra;

Tal fui horas amargas consumindo.

Caliginosos ares me cercaram,

Naufraguei sem amparo em sítios hórridos,

Toquei do Pólo os gelos.

Novou sobre o meu plectro o frio Arcturo,

Perdi do Estro as luzes, perdi vozes,

Febo apagou-se. Ó Musas! deste abismo

Resgatai vossa aluna!...

Mas qual fantasma ingente ao norte avisto?

Alcantilada serra os Céus invade!

Favónios brandos, aportai-me à praias

Salvai comigo a lira!

Cessai, ventos cruéis! Mostrai-me a terra!

Benfazejas Deidades da Harmonia,

Serenai estes ares revoltosos,

Prestai-me imagens doces!

Coluna argêntea de águas cristalinas

Impetuosa desce de alto serro;

Quebra no encontro de um rochedo, e forma

Espaçosa cortina.

A superfície crespa vai partindo

Seus cristais pelas várias penedias,

E do vapor aquático que espalha

Enche o largo ambiente.

Ali do Sol os raios refratados

Ornam de íris as roupas circundantes,

E de cores prismáticas tingindo

O nevoeiro, alegam.

De arbustos lindos coroam-se os rochedos;

À dextra, ao longe, rochas estaladas,

De musgo, fetos, ervas e de flores

Pomposas se revestem.

Por entre arbustos e árvores copadas,

O rio que dimana da cascata

Vai perder-se no mar; à beira de água

Chama a Vate ao descanso.

Ó Natureza, imensa Natureza!

Como aqui te apresentas delectável!

A mente, que te abrange e te contempla,

Extática se enleva!...

Quase que a terra cinge o Ártico Pólo,

E muito além dos Trópicos se alonga;

Águas imensas, gelos gigantescos

O Antártico defendem.

Que multidões de espécies e de seres

À humana indagação prestam auxílio!

Como o engenho com as artes, com a ciência

Descortina o Universo!

Lira ociosa, rompe os teus concertos!

Canta a Navegação do mar, dos ares,

A Química, a Botânica, mil artes

Que doiram a existência!

Acima da matéria te remonta,

Sobe à Causa de tudo, acende na alma

Grato Vesúvio de um amor sem termo,

E o Criador adora!

EPÍSTOLAS (*)

[() Epístola é um texto dedicatório, também usado para definir as composições poéticas dedicadas a alguém em concreto.]*

A Filinto e a Albano, a respeito dos seus versos()*

[() Filinto Elísio (1734 - 1819), foi um poeta, e tradutor, português. O seu verdadeiro nome é Francisco Manuel do Nascimento, e foi sacerdote. O seu pseudónimo, Filinto Elísio, ou também Niceno, foi-lhe atribuído pela Marquesa de Alorna a quem ensinou latim quando esta se encontrava reclusa no Convento de Chelas.]*

Que escuto! a voz de Febo?! Em coro as Musas?!...

De Filinto e de Albano os doces versos,

Essas cópias da bela natureza,

Que ao Pindo me transportam?!...

Albano, em cuja voz as Musas falam,

Em cujos beijos canta Filomela...

Filinto, que em seu voo Píndaro alcança,

Quando as palmas o adornam...

Cantai, cantai, ó Vates, que renovam

Os antigos milagres estas selvas,

E debaixo das folhas destes freixos

As Dríades vos ouvem!

Quanto pode a harmonia de tal canto!

Parece que sensíveis estes troncos

Fremem de gosto, e, as folhas revolvendo,

O fresco orvalho entornam.

Que suave impressão provam as flores!

As corolas abrindo, cheiro exalam

Tão doce, que nos ares perfumados

Se respira a saúde.

A paz desce serena, e se repousa

Na ramagem das árvores frondosas;

Não sopra o vento, nem gemido triste

Rola sentida solta.

Ó Deusas que inspirais tão claros Vates,

Pasmai, que outro prodígio se descobre!

Vede o aspeto feroz do meu desgosto

Menos medonho um dia!

Nos ignotos segredos do meu peito,

Onde sopra tristeza seu veneno,

Descer vede, guiado das cantigas,

O suavíssimo alívio.

Gabe-se embora Orfeu, que as portas abre

Do Averno pavoroso, que suspende

Do Cão trifauce os ladros vigilantes,

Que as Fúrias adormece;

Vá com a lira sonora após a morte,

E da mão sanguinosa arranque a presa;

Ao esfaimado ladrão da vida humana

Roube Eurídice cara;

Duas vezes passe a Estígie sem receio;

Vença o barqueiro avaro, que não deixa

De retorno esperança ao viajante

Que já sulcou tais ondas;

Sim, clamores eternos se suspendam;

As águas parem; o aflito sequioso

Beber possa a torrente que lhe foge.

Não invejes, Filinto,

Não receies, Albano, que na Trácia

Haja cantor que só tal glória obtenha.

Se abrandais dos meus danos a dureza

Já fica Orfeu vencido.

Ah! vede do alto assento para baixo

Em menos preço ações que o mundo atroam:

O filho de Critéis(*) julgar pequenas

As proezas de Aquiles;

[()Critéis, mãe de Homero]*

À vista deste monstro, já por terra,

Ensanguentado Alcides mostrar triste

Do Nemeu o despojo formidável,

Pacífico o Erimanto.

A Almeno, em resposta a um idílio

Nunca pôde esse Deus que o verso inspira

Afinar, sábio Almeno, alguma lira

Que me deixe impressão qual tu me deixas,

Quando escuto da tua as brandas queixas.

Quando louvas meu Pai, e as qualidades,

As prendas que nos enchem de saudades,

Eu sinto de imitar-te um tal desejo,

Que as torrentes do posso pátrio Tejo

Se me trocam nas águas de Hipocrene.

Talvez que o loiro Délio assim ordene

Para tecer-te em branda lira de ouro

Uma coroa mais bela que a do louro.

Porém que digo? Febo não me ensina;

Mais alto influxo sobre mim domina:

Choro contigo, e é doce então meu canto;

Minhas Camenas são teus ais, teu pranto.

Ah! se eu me aproveitara do que inspiram,

Que elevados conceitos se me ouviram!

Mas a turba de afetos que a alma cerca

Faz que a voz de explicar-se a força perca,

Não tem o rude plectro voz sonora;

Mas a falsa mentira adúladora

Não manchará meus beijos: eu adoro

O rosto da verdade; eu me namoro

Da singeleza; assim, dela atraída,

Detesto as expressões de alma fingida.

Os vulgares louvores mentirosos,

Que mancham tantos versos sonoros,

Não te sabe escrever a minha pena.

Não te diz que, em suave cantilena,

As Pastoras, teus versos entoando,

Estão ecos saudosos consolando,

Estão movendo os troncos, os rochedos;

Que os passarinhos ficam mudos, quedos;

Que esse Deus que preside ao nosso rio,

Por ouvi-las, lhe aplaca o murmúrio.

Só te direi, Almeno, que no dia

Que me escreveste em branda poesia,

Se abrandou dos meus males a dureza.

Deixei este lugar, onde a tristeza

Tem comigo funesto domicílio,

E fui ao campo ler o teu idílio.

Sentei-me ao pé de um tronco, que sobre ele (*)

Tinha enredado o filho de Sémele

A planta que protege; doce abrigo

Achei; Mércia também, que era comigo.

Era já noite; em silêncio estava

O quieto jardim, e só brincava

Com as ondas de uma fonte prateada

De Cíntia a imagem trémula e quebrada.

Para ler os teus versos, sábio Almeno,

Me bastava o luar, puro e sereno.

Contente os li; sensível, meditando

Nos teus votos, fui tema, derramando

Lágrimas doces no papel que lia,

Que a amizade em meu peito as produzia.

A Márcia, que abraçava com ternura,

Mil vezes disse: «Márcia, que ventura

É ver restabelecida a ilustre glória

Do nosso amado Pai! Esta memória

Paga os nossos desgostos, se é possível

Fazer-se a nossa dor menos sensível.»

[()Esta epístola tem o merecimento (talvez único) de ser uma sincera relação do que passei com o idílio de Almeno; tudo quanto digo teve lugar na cerca, onde li o papel à vista de Márcia, debaixo de uma parreira, ao luar (Nota da Autora).]*

Eis aqui meus sinceros sentimentos,

Sem adornos subtis, sem fingimentos.

Mais não posso dizer-te inutilmente.

Vê, procuro explicar o que a alma sente.

Por mais versos que faça, por melhores,

Não cabem nos meus versos teus louvores;

E a lira, costumada nos pesares

A atroar com gemidos estes ares,

Num tom aflito a lamentar saudades,

Degredos, sem-razões, adversidades,
Se deixa por um pouco o seu lamento,
Nunca pode, ao ferir o novo acento,
Derramar uma voz tão docemente,
Que à tua corresponda dignamente;
Tomar o tom celeste, o tom divino
Que aprendeste das Musas (imagino)
Quando as Ninfas felizes que escutaram
Suas doces cantigas, as julgaram,
De um sentimento unânime e sincero,
Vencedoras das filhas de Piem.

Fugiste dos meus olhos, doce amiga!

No sítio acerbo, onde o silêncio mora,

Onde a saudade e a dor se não mitiga,

Desconsolada Lília pena e chora.

Sem paz e sem conforto desfaleço.

O prestígio das sombras que abraçamos

Na dura lei de ausência reconheço,

Lei que assaz, cara Tirce, não choramos.

Lília, Lília fiel, que amor receia,

Que após outra mais firme divindade,

Julga, pela delícia que a recreia,

Pequeno o coração para a amizade;

Como pode perder-te?.., qual constância

Pode fazer que sofra com acerto

A incerteza, a mudez de uma distância,

E o próprio coração, que está deserto?...

Os mesmos sentimentos que ele cria

Seguem-te, amiga; eu sofro em solidão:

E à maneira que Tirce se desvia,

O alívio desampara o coração.

A dor que hoje me rasga o peito aflito

È quem fere também a fraca lira;

E os frouxos sons, que terna te repito,

São menos sons do que ais de quem suspira.

Mas tu não ouves, que talvez perdidos,
Como os raios da luz nas cavidades,
Não refletem meus ais, enfraquecidos
De bater peste vale de saudades.

Escutam-me estas penhas animadas,
Que as expressões do brando sentimento,
Como sonhos de enferma reputadas,
Insultam, por dobrar o meu tormento.

Aqui a seva mão do Fanatismo
Serve as leis execrandas do meu fado;
Aqui geme o legitimo heroísmo,
De uma falsa razão atormentado.

A amizade não é um fogo puro
Que duas almas acordes ilumina;
São precauções prudentes do futuro,
Envoltas em presente tirania.

Amor, Tirce, não é qual o tu sentes,
Doce clamor da sábia natureza;
É um rapaz que flechas traz pendentes
Filho da liberdade e da vileza.

Logo apagam a tocha, se a acenderam,
Divisando mil sustos pavorosos
As mesmas almas nobres que deveram
Ornar de Idália os fastos numerosos.

Eu não sei que vapor envenenado

Neste sítio de horror também respiro.

Ou delírio... julgando haver pensado?

Ou penso... quando julgo que delírio?

Tanto pode essa lei irrevogável

Da fera mãe das Parcas agressoras!

Traz dos males a série inevitável,

Com que alonga, ainda mal, as nossas horas.

Dos males me entretenho e me consolo,

Revolvendo as imagens que me cercam;

Nos versos que animar devera Apolo

Lanço a dor; da faz que a graça percam.

Não os leias, ó Tirce, se magoam

Teu coração, delícia dos mortais;

Tomem ao vale agreste adonde soam

Há três lustros completos os meus ais. (*)

[() Quinze anos e mais de meio de desastres anunciam uma idade avultada. Eu acabo de completar vinte e quatro anos, de que só oito tive o gosto de viver no seio da minha família. Parece que nesta idade se tem mais alguns direitos à compaixão das almas sensíveis; e como dos bens da vida este é o único de que tenho esperanças, julguei necessária esta nota (Nota da Autora).]*

CONVERSA ENTRE TRÊS

Versos de Filinto

Disse Vénus a Juno: «Basta de iras,
Já basta, ó Palas, de cruéis contendas;
As que ambas possuíis são grandes prendas:
Tu dás poderes, tu ciência inspiras.
Sem que invejeis a minha formosura,
Tratemos todas uma paz segura;
Demos as mãos, façamos crua guerra
Contra Alcipe, que às três nos rouba o culto;
Metamos forças a vingar o insulto;
Pereça o altar que lhe ergue toda a terra!»

«É vão, diz Juno a Vénus, teu enfado:

Essa mortal (a Jove o ouvi) já goza

Culto grande por sábia e por formosa;

Quem sabe o que ainda lhe reserva o Fado?»

Resposta de Alcipe

Ah! Filinto, que versos magoados

Agora vão nascer, bem tristemente,

De uma lira cercada de cuidados,

Que ainda o Céu por piedade me consente!

Em meu peito, onde a simples natureza

Erige o doce templo da ternura,

Lança todos os danos da tristeza,

Qual fúria enorme, a seva desventura.

Giram meus ais em torno a um triste leito.

Pálida vejo a Mãe... Ó Céus, que vista!

Amor geme encostado no meu peito;

E ainda Vénus cobiça esta conquista?

Assaz vingada está... Oiça o ruído

Dos meus ferros pesados, meus clamores:

Olhe o gesto do Fado desabrido;

Há de chorar, e o bando dos Amores.

De outra Aracne que tece frágil teia,

Pelas noites de Inverno, a um fraco lume,

Pode a Deusa que os orbes senhoreia,

Ou a sábia Minerva, ter ciúme?!...

Vê, Filinto, se as moves a piedade,

Pois se pomos dourados eu tivera

Nem Vénus só nutrira alta vaidade,

Nem Pérgamo soberba se abatera.

Adeus, Filinto, adeus ,que já me chama

Em socorro da Mãe o meu cuidado.

Que palidez!... Que susto em mim derrama!...

Quem sabe o mais que me reserva o Fado?...

Alceste, sábio Alceste, revolvendo
Rotos papéis, das Musas inspirados,
De entregar-te quaisquer estou tremendo,
Não sejam de outros olhos criticados.

Eu falo em liberdade; uma alma nova
Como a minha, não sofre o vil disfarce.
Que sei eu se o que digo se reprova?
Que sei se deve a Musa limitar-se?

Bem como o bom Despréaux, não me equivoco;
O nome próprio dou à fraude, ao vício;
A meu favor Verdade, Astreia invoco,

Deidades que dão pouco benefício.

Como do Olimpo os Deuses são fingidos,

Sem que ofenda a moral, que firme adoro,

Finjo Dianas, Martes e Cupidos,

Falo com eles, finjo que os imploro.

Não sofre a nossa terra esta linhagem,

País onde se queimam feiticeiras,

Descobre o mal numa inocente imagem,

Como o demónio em casa das primeiras.

Há ciúmes aqui até de Apolo;

Basta que uma mulher com ele fale,

Para ter liberdade qualquer tolo

De mandar seja presa até que estale.

A uma Freira em Chelas

Quando em silêncio adormecem

Todos os seres mortais,

Ligeiros à tua cela

Voam saudosos meus ais.

Dize, leste os versos de ontem,

Onde insculpiu a ternura,

Comovida ao contemplar-te,

Indícios de mágoa pura?

Agora que tudo dorme,

Agora que só se escuta

De noite o surdo rumor,

Reflexo de alguma gruta;

Quando toda a natureza,

Envolvida em sombra densa,

Dá liberdade aos suspiros

Que nascem de mágoa intensa;

Corre o vago pensamento,

E no pequeno recinto

De uma cela, aí te encontro,

Para explicar-te o que sinto.

Eu te vejo, ó Céus! que vista!

Aprisionando entre flores

Os corações delicados

De mil cativos amores.

Das perfeitas mãos te nasce

Ora murta, ora alecrim,

Ora imitando teu rosto

Cândido e lindo jasmim.

Que ideias ternas te inspiram,

Quando o gosto da leitura

Diminui brandamente

O cargo da desventura!...

Nos discretos caracteres,

Vão teus olhos magoados

Ora lendo o seu conforto,

Ora o decreto dos Fados.

Já te lanças brandamente

No seio da paciência;

já te recreia admirar

O aspeto da Providência.

Eu te sigo, suspirando,

E teço então sobre a lira

Estas cantigas saudosas,

Que o contemplar-te me inspira.

Se meus versos te consolam,

Sempre a branda simpatia

Conduzirá no silêncio

A Musa que teme o dia.

A El-Rei, estando eu muito doente, em Chelas

Um moribundo esforço, um fraco alento,

Indício duma quase extinta vida,

Envia uma infeliz, triste, abatida,

Desde o leito da morte ao Régio Assento.

Modera, ó Soberano, o meu tormento!

Solta o Pai, por quem choro dividida!

Esta voz, já sem força proferida,

Faça em teu peito brando movimento!

Quatro lustros, passados na amargura,

Compreende somente a minha idade;

Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah! consente, Monarca, por piedade,
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto quem morre de saudade!

A Robertson, subindo num balão, e descendo no pára-quadras

Deu nome às águas Ícaro, morrendo.

Ícaro novo, os ares invadindo,

Placidamente aos astros vai subindo,

E de lá sem soçobro vem descendo.

Tanto excede na glória este vencendo,

E obstáculos sem conto desmentindo,

Esse, que a presunção pagou caindo,

E no fatal despenho perecendo!

Mancebos presumidos destas eras,

Não fique para vós o exemplo mudo!

Despejai a cabeça de quimeras!

Ciência, aplicação, método, estudo

Põem os homens acima das esferas:

Pouco importa empreender, saber é tudo.

A minha Mãe

Natureza! Quais leis dificultosas

Ao brando coração meu impuseste!

A quais devo seguir, com quais quiseste

Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas,

Que me pedem a filha que me deste,

Arranco-a do meu peito a que a prendeste,

Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,

E do materno amor golpe violento

As entranhas deixa-me laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!

Se lha dou, quantas horas desgraçadas!

Bárbara lei, difícil vencimento!

A um filho da Autora que morreu poucos instantes depois de nascer

Enfim, passaram estas tristes horas

Que o destino cruel tinha prescrito,

E das minhas entranhas ao Cocito

Te levam, filho, as Parcas agressoras!

Lá do seio da Morte, onde hoje moras,

Não venhas lacerar-me o peito aflito;

Da consternada mãe escuta o grito,

E fica em paz nas trevas dormidoras.

Mas ai de mim! Querido desgraçado!

Se ao menos no meu terno pensamento

Tu podes existir, cresça o cuidado!

A força do materno sentimento

Te fará renascer, filho adorado,

Bem que eu morra de angústia e de tormento.

Às minhas filhas, longe delas, em Inglaterra e doente

Não tem havido mal que eu não suporte;

O Fado contra mim tudo provoca.

Desfalecido o peito, a voz já rouca,

Em vão invoco um ser que me conforte.

Adeus, queridas filhas! Chega a morte;

Ouçõ a trombeta que um arcanjo emboca,

Na eternidade o tempo se me troca,

E pela tumba fria a Pátria, a Corte.

Encham de honra e piedade este intervalo,

Certas de um fim que a todos se avizinha;

Que já não vivo, escutem sem abalo.

O maior dom dos Céus na mão já tinha;

Porém faltam-me os dias de lográ-lo:

O mundo é para os mais, a cova minha.

À memória de El-Rei D. João IV, em 1810, no tempo da invasão dos Franceses

Sombra Régia! se a minha lira nada

Quebra da morte o empedernido muro,

Lá te leva meu canto incenso puro,

Qual arde na minha alma, que não muda

Em vão porém maldade ardis estuda.

Atrás desse pendão, nobre e seguro,

Que os quarenta guiou, a vós procuro,

Pois não há cá no mundo quem me acuda.

Basta-me a mim, que adoro o Nome vosso,

Que o vosso Neto e gente assinalada

Os loiros murche ao gaio e seu colosso.

Com mão afeita ao fuso, não à espada,

A Pátria sirvo como sei e posso.

Feliz se aos mortos o que faço agrada!

A Filinto, a respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez, ao Marquês de Pombal

Quando será, Filinto, que este canto,
Que me inspira benigno o Deus do dia,
Não equivoque a mágoa com meu pranto,
Seja notado só pela alegria?

Eu não sei, porque a sorte denegrada
Os futuros envolve em noite espessa.
Vai-me a tristeza dando cabo à vida,
Quere a sorte teimosa que eu padeça.

Mente o velho Saturno, se promete
Nas estações diversas dar-me gostos;
A Jano variar-se não compete,

Se volta para mim os quatro rostos.

A esperança falaz quando esvoaça,

As verdes roupas ostentando, airosa,

Icárias penas tem, cai por desgraça,

E perece na queda desditosa.

Nem o canto das líras alternadas

Que ama Délio, tão pouco o som cadente

De alegre coro de aves namoradas,

Amansam esta mágoa permanente.

Das Camenas em vão orno os altares,

Em vão me banho na Castália pura;

Nos olhos se me pintam os pesares,

Nos beijos geme a voz da desventura.

Investigando a minha triste história,
Tu mesmo, ó Santo Febo, tu te espantas,
Recomendando às Musas a memória
Quando lustroso cais ou te levantas.

Não te esqueça, Filinto, o acerbo caso...
Lateja-me no peito um fogo intenso,
Se esperdiças as joias do Parnaso,
Dando ao tirano o teu sublime incenso.

Bem sei que as Musas, quando vão contigo
Em cativo, aflitas, algemadas,
É por salvar-te só de extremo perigo
Que sofrem ver-se assim tão degradadas.

Porém tu, que és por elas escolhido

Para em verso divino honrar verdades,

Receia que o futuro espavorido

Te acuse de infiel às divindades.

A fortuna usurpada é que hoje toma

Direitos que à inocência o Céu concede:

A fraude, a crua fraude afoita doma

Almas a quem justiça a razão pede.

Assim, qual nova Euménide, a impostura,

Cruelmente de um fero açoite armada,

Desta terra infeliz toda a ventura

Fez voar, contra os Céus arremessada.

A meus olhos se mostra escassamente
Se com eles segui-la ao menos quero;
Bem como velejava em torno à mente
Um vago e lindo sonho ao cego Homero.

Os prazeres em bando, fugitivos,
Temem que os siga a mágoa pontiaguda,
Pois da virtude a graça, os atrativos,
Em lutuosa dor a força muda.

Contudo a Jove, que almas só conhece,
Que enche o vasto Universo e nos domina,
Apela Alcipe, e nunca desfalece;
A Jove unicamente a frente inclina.

Não são novas as sortes desastradas.

Verei cair sem pasmo o mundo inteiro;

Há longo tempo as terras assoladas

Maldiçoam a espada do guerreiro;

Há longo tempo o fanatismo astuto

Assassínios recíprocos prepara;

E sem dó traga o coração corrupto

A verdade que o Céu lhe confiara.

Lançando os olhos pelo vasto mundo,

Coberto de catástrofes e danos,

Das próprias penas perco o honor profundo,

E reparto meus ais entre os humanos.

Se um Sócrates, que a morte despedaça,

Vejo acabar, sem que a virtude valha,

Ao ler que esgota a venenosa taça,

O mortal gelo sobre mim se espalha.

Tremo de raiva quando um vil tirano

Rasga a veia em que pulsa o sangue nobre

De um Séneca infeliz, ou de um Lucano,

Que injusta e prematura morte encobre.

Então chagas abertas no meu peito

Se exacerbam com os casos atrasados.

Quantas vezes de Astreia o são direito

Argue a meu favor iníquos fados?

Mas se um Vate sublime, revolvendo

Da escura antiguidade os casos vários,

Em Sócrates Anitos convertendo,

Chama a Sejanos, Sólon, Belisários;

Que fruto tira o justo quando grita?

A cadeia dos erros dilatada,

Fabricada por homens, necessita

Ser por forças de um Deus despedaçada.

A Natércia

Natércia, já te não lembra

Uma amiga solitária

Que vegeta nestas selvas,

Ou luta com a sorte vária?

Sabes como passo os dias,

Sem te ouvir ou sem te ver?

Se as Parcas me não acabam,

É que têm mais que fazer.

Nessa terra dos Latinos

Andam talvez ocupadas,

Cortando as vidas felizes,

E alongando as desgraçadas.

Se eu duro, faz-me durar

Talvez a doce esperança

De que Natércia me guarda

Um momento na lembrança.

Dá-me provas disto, Amiga,

Lendo no meu coração.

Conforta-o de vez em quando,

O Céu te achará razão.

Lê neste o que te não digo,

Pois, firme por natureza,

Sei lançar, quando convém,

Duros grilhões à tristeza.

Às vezes sinto-a gemer,

Encarcerada no peito;

Mas, impondo-lhe silêncio,

Segue o rígido preceito.

Inda não cultivo a terra,(1*)

Não sei porquê, na verdade;

Nem cumpri o voto puro(2*)

Que fiz à santa amizade.

[() 1 - Porque me faltava a posse das terras que tinha aforado à Coroa. 2 - Tinha feito a promessa de plantar um feixo em honra de Natércia (Notas da Autora).]*

Já diversas estações

Para gentes mais felizes

Deram tempo ao que plantaram

De lançar longas raízes.

Eu, Natércia, inutilmente

Os dias contando vou;

Murchou-se a minha ventura,

Tudo para mim murchou.

Ando às vezes nestes campos

Buscando flores bravias;

Com isso engano desejos,

E encurto penosos dias.

Ando fingindo que vivo

Com ações, com movimento;

Mas é falso, que só vivem

Os que têm contentamento.

Este meu doce viveiro,

Penhores de eterno amor,

Tenho medo que não medre,

Faltou-lhe o cultivador.

Esta geração moderna

Que em torno de mim gorjeia,

Com sons como os passarinhos

Os meus ouvidos recreia.

Porém, Natércia, que são

Sons, contra penas tão graves?

Não têm vigor de abrandá-las,

Bem que pareçam suaves.

Um parte daqui, correndo

Atrás de uma borboleta,

Outro de uma cana forma

Uma espingarda, uma seta.

Entretanto eu, cogitando

Em mil casos desastrados,

Tenho tempo de lutar

Comigo e com os meus cuidados.

Não quero turbar os gostos

Da pacífica inocência,

Nem com gemidos inúteis

Fatigar-te a paciência.

Em resposta a Natércia

Deixa-te disso, amiga, não me pregues.

Amor é para mim uma quimera;

Em meu peito deserto não prospera

Mais que a lei da razão, que tu não segues.

Bem percebo essas máximas sublimes

Que ostenta a gente fraca, e que despreza

Quem tem força, quem doma a natureza,

E quem não quiere passar de erros a crimes.

Faze embora elogios à inconstância,

Ama vinte, se queres, não me importa;

Em para criticar estou já morta...

Não conheces a minha tolerância?

Sou de composição muito esquisita:

Não creio nos amores desta terra,

E declaro aos amantes maior guerra,

Quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado?

Qual do culto de Amor digno hierofante

Não terá, com as fraquezas de inconstante,

Os augustos mistérios profanado?

Amor em mim não é qual o tu sentes,

Um clamor, um tumulto dos sentidos;

Eu tenho esses escravos submetidos

As leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda sente,
As forças que a mantêm, forças diversas;
Amor me faz fugir de almas perversas,
Por amor busco (em vão) uma inocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão de rir destas doutrinas,
Hão de rir os peraltas e as meninas.
Queres que adore um desses malcriados?

Em resposta ao Conde da Ega, Aires de Saldanha

A1meirim, 1800

Enganas-te; não posso tanto, tanto
Quanto esperas de mim, quanto me pedes;
Mais vida, mais vigor têm estas plantas,
Os arbustos que crescem nestes prados.
Vegeto as mais das horas; se me acorda
Deste triste letargo algum assunto,
Ou vem rompendo nuvens de cuidados
Em que envolta me traz a sorte austera,
Ou, qual trovão que vibra a mão de Jove,
De mil sustos me assombra o fraco peito.
Da vida a brevidade nos proíbe
Entablar esperanças dilatadas;

A Parca é surda ao nosso humilde rogo,
E já de um sopro seu envenenado
Me apagou de uma vez todo o Universo.

Eis aqui como, aflita e sepultada
Nos abismos do puro sentimento,
Me separo da classe dos viventes.

Mas então, radiante, a razão surge,
E, ao clarão dos seus raios luminosos,
Vou distinguindo os erros da tristeza,
E aprendo filosóficos preceitos,
Que, mansa, a paciência me decora.

Fortificada assim, os olhos lanço
Sobre o painel da Criação, tão vasto.

Nos meus ermos com a mente os Céus abranjo,
Da Natureza estudo os três domínios,

E enquanto desenvolve a Primavera
A força vegetal, que os campos veste,
Faço dormir a dor, caio as saudades.

Flora, por deleitar-se, um dia claro
Desceu do Olimpo à terra, e destramente
Classificou as plantas variadas;
E, em prémio da razão indagadora,
Revelou a Lineu grandes mistérios.
Flora mesma também me vai guiando,
E sem séquito, mais que alguns perfumes,
Os ventos brincadores e o sossego,
Me comunica as leis simples, sublimes,
Com que a família rege e desenvolve
Das lindas liliáceas que hoje apontam.
Cedo virão do Tlaspe argênteo as flores

Distinguir nas crucíferas as raças;

De flóreas borboletas brevemente

Se há de a terra cobrir, há de enfeitar-se.

Vês tu na Corte um tronco mui frondoso,

Cujos ramos ou tribos nos recordam

Da antiga lei as bênçãos tão famosas?

Eu também, cá no campo, também vejo

O Gerânio cheiroso, que sem fausto

Cento e tantas espécies me apresenta.

Nunca um só indivíduo desta prole

Teve cargos nem postos que agitassem

As pacíficas leis das outras plantas.

Que modelos não tem a Natureza,

Que, brilhando no objeto inanimado,

Envergonham a espécie inteligente!

Repara na Umbelífera vistosa:

Dos pedúnculos desta saem raios,

Destes raios os filhos todos pendem;

O mesmo suco a todos vivifica,

Todos a um tempo os raios do Sol gostam,

Vivem juntos, e todos juntos morrem.

Ai de nós! Quão diversa é nossa sorte!

Que divisões, que lutas, e que estragos

Semeiam as paixões entre os humanos!

Se no seio das ondas empoladas,

Nos mares da política, entre escolhos,

Passas teus dias, praza a Deus que possas

Aportar felizmente nestas praias!

Sincera gratidão aqui te espera,

E um lugar consagrado a engenhos claros.

Nem pórticos marmóreos, nem colunas

Que cinzelsse em Paros mão perita,

Hás de achar neste sítio: altos pinheiros

Formam de espessa rama o nosso teto,

E gramínea alcatifa nos oferece,

Para pensar, lugar acomodado.

Uma fonte serena ali murmura,

E, mil vezes afoita, a fantasia

Cuida ouvir revolver-se dentro de água

A Náíade gentil que lhe preside.

Se agita o vento as canas buliçosas, (*)

Se da serra um rochedo assusta a vista,

Mitológicos sonhos me recordam

Ora aquela que a dor petrificara,

Ora a Ninfa medrosa e fugitiva

Que o pudor converteu em verde junco.

[() Alusão a Val de Nabais, sítio não longe da Serra de Almeirim.]*

Com palavras e ideias todo o globo

Corre depressa aquele que conversa.

Quando se esconde o Sol, e a noite ostenta

De entre sombras milhões de astros luzentes,

Para entreter as filhas com proveito,

Vou revolver então montes de idades.

Vinte séculos voam, quando apenas

Vem surgindo das trevas rutilante

O Pai dos Crentes, cujos passos guia

Deus mesmo para a terra onde o estabelece.

Então de lá do Egipto o Rei primeiro

Vem pôr da glória grega os alicerces:

Vem Cécrops depois fundar Atenas.

Atenas!... este nome as cenas abre

De heroísmo, valor, artes e engenho.

Itália, que hoje assusta mão terrível

De um Guerreiro rebelde e temerário, (*)

Dormia então de fábulas coberta,

Nem raiava o crepúsculo dos dias

Que ilustrou Cipião, Fabrício e César.

[() Bonaparte.]*

Com os mapas na mão, aventurando

A memória, lhes digo: Aqui foi Troia.

Se a colisão moderna acaso fosse

A fatal colisão da argiva gente,
Talvez como os de Pérgamo, infelizes,
Os muros de Paris já vacilassem...
Mas suprimo as palavras neste assunto,
E um grilhão ponho até no pensamento.

Distrai-me a vista ali no mar vizinho
Lesbos, pátria de Alceu, de Ema e Safo;
Vêm as mágicas artes lançar fora
O tédio das lições, do estudo austero;
Ora a voz, ora a mão industriosa.

A Godefredo

Como sopra do Oeste rijo o vento!

Que sussurro medonho as folhas fazem

Entre a floresta que reveste o monte!...

Como retrata o rio a nuvem negra

Que vem descendo, prene de borrascas!...

Porém... verdeja o chão... e o Sol brilhante

Por uma fresta de entre a nuvem rompe...

Já não desfolha as flores, fero, o vento,

Nem na floresta o rijo tronco estala.

Eis, Godefredo, a imagem que me antoja

O furor com que assaltas as doutrinas

Que à mente humana mil tesouros trazem,

As doutrinas que o denso véu levantam
Da Natureza, e o belo quadro mostram
Dos portentos que a mão divina ostenta.
Hás de aplacar-te: o Sol virá raiando;
Quais flores brotarão tuas ideias;
Quebrará teu engenho essa barreira
Que vence quem medita, e aos distraídos
Empece entrar no templo da Verdade.

Dizes bem, se contemplos necessário
Saber guiar primeiro o raciocínio,
Para observar depois os remos vários
Que nos apresenta a vasta Natureza.
Mas se entendes que andar investigando
A aparência dos Seres, que fenómenos
Da recíproca ação deles resultam,

t fugir da verdade, muito erras;

Os olhos tapas, sopras sobre as luzes

Que esclarecem o templo majestoso

No qual o Criador se manifesta.

Cercado da mudez dos Seres, julgas

Que só têm dimensões, cor e figura;

E nestas propriedades não descobres

Cousa que te interesse o entendimento.

Mas quando esta aparência importa menos,

E meditando, o sábio vai mais longe;

Mil prodígios então lhe patenteiam

Os imensos fenómenos que o cercam.

Põe-no em contacto um ramo com a riqueza

Do reino vegetal; um vaso de água,

Uma pedra, um cristal, a mesma terra

Sobre que move os pés, vastos tesouros

Nos minerais domínios lhe revelam.

Nunca estou só; as aves, os insetos,

Os animais domésticos, os bravos,

Eu mesma, bem que a mim enigma seja,

De ignorar-me a mim mesma envergonhada,

Um curioso ardor deve excitar-me

A buscar, a aindagar qual sou, e os outros.

Sujeita a precisões inumeráveis,

Dos entes, que me cercam, dependente,

Obriga-me a razão a analisá-los.

Que fenómenos gera esta análise!

Que socorro e delícia então procede

Das descobertas que fazemos novas!

Não fui eu quem, no tempo em que apontava

Sobre teu rosto uma ligeira felpa,

Quem verteu na tua alma o amor das letras?,

Quem tuas ideias juvenis, sensatas,

Aos templos de Minerva dirigia?

Separou-te de mim um triste fado;

Outro influxo, outras forças te lançaram,

Por furacão horrível, nesse golfo

Onde tudo foi, morte, glória e horrores.

Se boiavas acima destas ondas,

Noutro abismo, ferinas, te arrojaram:

Entre homens, ao prazer dados e ao sono,

Que como inútil peso a alma avaliam.

Tem esta espécie uma paixão danada

Que do louco Empirismo os enamora;

E contanto que falem, que dissertem,
Que uma lanterna mágica nos mostrem
Com a borla de Doutor, se ostentam sábios.

Criou-te a Natureza para o seres:

Toma, torna a seguir-me; não receies

Que naturais ciências te desgarrem.

Verás como nas asas da Esperança

Me vão levando aos lares da Verdade,

A encontrar-me com Deus, com a pura origem

Das virtudes que ao homem divinizam.

Tanto o estudo esta ideia magnífica!...

Quanto mais dócil coração nos forma,

Tanto mais nos confirma necessária

A lei que ao limitado ser dirige;

Sem a qual fora a vida uma contenda,

A morte um tenebroso cadafalso.

Mas depois de estudar a Natureza,

De sentir quanto de alma as faculdades

Aspiram ao saber, nos convencemos

Que, à maneira das plantas, neste mundo

Plantados, cultivados os humanos,

Crescemos, como as outras plantas crescem;

Mas só da morte além, na Eternidade,

A nossa florescência se completa.

Despojados do opaco véu do corpo,

Sem prisões de sentidos ilusórios,

Rodeados de angélicas essências,

Ante o Ser infinito o amor nos leva,

E amor com Deus enlaça as almas belas.

Tens da imortalidade penhor certo,

Se das térreas virtudes não discrepas.

Vamos pois reparar nas maravilhas,

Com que nos brinda o sábio Autor dos Entes.

O que sem reflexão e sério estudo

Pelo mundo transita, peregrino,

Como um rio, correndo e murmurando,

Vai-se perder no mar, donde não volta.

Não vás pois, Godefredo, desta sorte;

Nas abstrações da tua Ontologia,

Em quiméricos sonhos não te envolvas:

Ser por essência é Deus; as mais essências,

Em seu seio escondidas, são segredo

Que aos homens até agora não revela.

Contentem-te somente propriedades;
Se à força de observar, descobres uma,
Hás de ombrear com os Newtons, com os Descartes.

Contemplemos dos corpos a aparência,
Sem mais cortejo que a razão por guia;
Nesses Remos estranhos viajemos.

A aparência dos seres dos três Remos
É de ciência um tronco de que brotam
Ramos diversos, cada qual trazendo
Por fruto outra ciência; uma descreve
Os seres que têm vida e que povoam
As campinas, cidades e desertos;
Os que habitam o mar, cortam os ares,
E quanto vive e sente sobre a Terra.

Cortejada dos Zéfiro e Flora

Aparece a Botânica; sem ela

Das plantas os mistérios se ignoraram;

E o vegetal poder, que adorna os campos,

Fora quimera ou sonho inescrutável.

Se largando a monótona cidade,

Pelos serros de Sintra passeando,

Os sonhos mitológicos trocasses

Em meditação séria, a mão te dera

A sã Geologia; observarias

A geral contextura deste globo;

A posição dos vaies, das montanhas,

A formação das terras, dos rochedos,

Te iria engrandecendo os pensamentos:

Novo ardor curioso em ti criaram

Dos minerais as faces regulares,

O arranjo das moléculas, que as massas
Com tão grande artefacto constituem.
A Cristalografia te encantara;
Deras mais preço aos vasos de alabastro,
Às colunas de mármore, aos diamantes
Com que orna o níveo colo augusta Ninfa.

Se laborar com mármore e jaspes,
Com diamantes, safiras, esmeraldas;
Examinar metais, betumes, terras,
Da Mineralogia abrir segredos,
Faz ganhar de pedreiro o insulso nome,
Erradamente o vulgo o denomina.
Estes Pedreiros são de outro calibre,
Ante a face dos Céus melhor trabalham;
Não tomaram lições de Inigo Jones:

O Criador seus templos lhe edifica.

Quero desafogar, quero provar-te

Que os que tudo isto ignoram, são os ímpios,

São os rebeldes, são os mentecaptos,

Que, sem mais protetor que o seu canhenho,

Porque argumentam, pensam que convencem.

A metódica lógica da Escola

Não excede a que dá a Natureza:

Nesta está o protótipo das artes;

E além da meta onde a razão pára,

Nada mais nos ensina a Metafísica.

Que especulações vãs, no nosso tempo,

Fizeram desvairar o engenho humano!

Das abstrações nasceram as revoltas,

Nasceu da Metafísica a impiedade.

Quando novos Titanos sobre a terra

Com a toga filosófica se ornaram,

E, empunhando sistemas transcendentos,

Empregaram aríetes, petardos,

E quanta artelharía forja a imprensa,

Para escalar os Céus; o que fizeram?

Nutrir loucos, fazer chorar os Sábios;

Espalhar sobre o mundo mil flagelos,

Com que há seis lustros geme a humanidade.

Que verdade nasceu que nos console?

Em França, no vulcão onde moraram,

Ninguém lê já seus livros. O dinheiro,

Avareza, é que arroja em nossas praias,

Pelas mãos dos livreiros, essa escória

Que os libertinos farta, e os envenena.

A avidez de saber, que nos devora,
Com especulações puras se contenta
Na Física e na Química. Na Ótica,
Que teatro tão belo a luz presenta!
Pela visão e a luz os Céus galgamos,
Em relação nos pomos com as Estrelas.

Que deleitosas sensações na terra

Esta visão e luz nos participa!

Um fenómeno só sirva de exemplo:

Se, enlutados os ares, densa nuvem

Com as aquosas moléculas da chuva,

Quere iminente refrescar os campos

E nelas vasa o Sol feixes de raios,

A reflexão e a refração das luzes

Criam dois arcos belos, cujas bases
Vão, de cores ornados, repousar-se
Nos dois termos opostos do horizonte,
Não são de íris as roupas matizadas,
Nem a estrada por onde os Numes descem;
São um meteoro lindo; outros meteoros,
De igual beleza, a experiência explica.

Factos é que revelam mil segredos,
Que embaçam a ignorância e acha prestígios.

Se os de bom senso na coorte imbecil
Vão alistar-se, frouxos, e eco fazem
Aos delírios dos néscios, brevemente,
Os elementos confundidos todos,
O mundo lançarão no antigo caos.

Não quero, nesta epístola já longa,
Com um tratado de Física enfadar-te;
Nem com ténues vislumbres de ciência
Inculcar-me instruída do que apenas
Entrevejo e em distância me recreia.

As portas de safira o Céu nos abre,
De lá nos manda um Génio luminoso,
Que traz nas mãos um facho que dissipa
As trevas em que a incúria nos trazia.

Tu és pois o primeiro a quem compete
O ser o introdutor desta embaixada.

Mas se este Génio é nosso conterrâneo,
Se também cá nasceu, se irmão é nosso,
Tu, cavalheiro, génio egrégio, heroico,
Avalia da Pátria este ornamento.

Quando as serpes da inveja o atacarem,
Veste a cota de malha, põe-te em campo
Com a espada que buiu valor e brio,
E defende da Pátria este luzeiro.
Toma o broquel, com a face de Medusa
Faze que volte atrás cobarde a inveja.
Como o filho de Glauco, a Lísia salva,
Intrépido, e no Pégaso montado,
Fere a superstição, mata a Quimera.

Destroçados os erros, triunfante
A verdade, a razão purificada,
Do pensamento o voo remontando,
Do coração as asas sem estorvo
Levam a alma, por entre êxtases puros,
Arrebatada, unida, ao Ser dos Seres,

A descansar na lúcida morada.

À minha irmã

Se da sorte a mão ousada
Dos teus braços me arrancou,
Não pode roubar a imagem
Que a saudade em mim gravou.

Se eu e tu fôssemos duas,
Pudera a Parca sem dó
Separar-nos; mas não somos
Eu e tu mais que uma só.

Se respiro, ainda respiras;
Nem tem a Parca poder
De confundir-te com os mortos,
Enquanto Alcipe viver.

REDONDILHAS

Quadra

De que serve, ó sorte ingrata,

Do bem passado a memória,

Se a lembrança do perdido

Torna em pena toda a glória?

Glosa

Márcia(*), lá naquela serra

Todo o bem deixei contigo;

Somente veio comigo

A mágoa que o peito encerra.

Meu pranto regando a terra,

A ideia lá me arrebata

Àquela pura cascata,

Junto à qual vivi contente;

Mas tal lembrança ao presente

De que serve, ó sorte ingrata?

[() Minha irmã. Alude ao tempo de Sintra, em que estivemos juntas (Nota da Autora).]*

Vivendo nesta espessura,
Sem ter do alívio esperança,
Uma tão doce lembrança
Faz mais grave a desventura.

Ó sorte inimiga e dura!
Basta que na triste história
Tenhas completa vitória;
A vida e a infelicidade
Me rouba, ou, por piedade,
Do bem passado a memória.

Mas se o bem que então logrei
Foi tanto, Márcia querida,
É fácil perder a vida,
Esquecê-lo não poderei.
Quanto é cruel bem o sei

Ter a perda no sentido;
Mas neste caso duvido,
Sendo um mal e outro possível,
Se é pior ser insensível,
Se a lembrança do perdido.

Ser mais triste pouco importa;
Se já perdi a esperança
De algum bem, sofra a lembrança
Deste quem o mal suporta.

A muitos tristes conforta
O gosto de antiga história;
Porém a mim tal memória
Só me acrescenta o cuidado,
Porque já meu triste estado
Torna em pena toda a glória.

APÓLOGOS (*)

[() Apólogo é uma narrativa que busca ilustrar lições de sabedoria ou ética, através do uso de personalidades de índole diversa, imaginárias ou reais, com personagens inanimados. Servem como exemplos os clássicos apólogos de Esopo e de La Fontaine.]*

O PIRILAMPO E O SAPO

Lustroso um astro volante

Rompeu das humildes relvas:

Com seu voo rutilante

Alegrava à noite as selvas.

Mas de vizinho terreno

Saiu de uma cova um Sapo,

E despediu-lhe um sopapo

Que o ensopou em veneno.

Ao morrer exclama o triste:

– Que tens tu de que me acuses?

Que crime em meu seio existe?,

Respondeu-lhe: – Porque luzes?

O PINTASSILGO E O ROUXINOL (*)

[() Este apólogo foi feito em casa de uma senhora que também fazia versos, e tinha a vantagem de ser casada com um Ministro de Estado (Nota da Autora).]*

Um Pintassilgo imprudente

Desviou-se do seu ninho,

E nem um só grão de arpista

Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido,

Entrou num bosque sombrio

Onde retinia ao longe

De um Rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas

Voou afoito e lhe disse,

Se tinha grão de sobejo

Que com ele repartisse.

– «Tenho, (respondeu polido,

O músico das florestas)

Tenho grão e sei cantigas;

Terás dele; escuta estas.»

Começou logo a cantar;

Cantou, até que amanheceu,

E entretanto o Pintassilgo

Foi definhando – e morreu.

O CUCO E O ROUXINOL

Disse um Cuco, ponderado,

A um Rouxinol, certo dia:

– «O meu canto é regulado,

Tem compasso e melodia.

São estas regras do canto

Dignas de grande atenção.

Ouve, Rouxinol, talvez

Que te aproveite a lição.»

Espaneja-se o cantor,

E em duas notas iguais

Vomitou do triste papo

– Cucu, cucu – nada mais.

A Filomela, sorrindo,

Respondeu numa volata,

E em torrentes de harmonia

Sufocou a voz ingrata,

Quando um quadrúpede triste,

Pelas orelhas famoso,

Começa a cantar tão alto

Que atroa o bosque frondoso.

O Rouxinol, coitadinho,

Nem mais pôde abrir o bico.

Eu também num caso destes

Nem me pico, nem despico.

O LEÃO E A RAPOSA

– «Meu Senhor! (disse a Raposa,

Falando um dia ao Leão)

Eu não sou mexeriqueira,

Mas calar-me é sem-razão.

Sabe que mais? anda um Burro

Aqui por toda a cidade

A dizer mil insolências

Contra Vossa Majestade.

Ele diz que não percebe

Como lhe acham talentos,

Em que consiste a grandeza

Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,

E que é pouca habilidade

Quando vence facilmente

Ostentar heroicidade.»

Calou-se um pouco o Leão,

E depois, sorrindo, disse:

– «Que importa o que diz um asno?

Enfadar-se é parvoíce.»

EPIGRAMAS (*)

[() Epigrama é uma composição poética breve que expressa um único pensamento principal, festivo ou satírico, de forma engenhosa.]*

A um Pregador insípido

Este pregador famoso

Põe-nos em contradição;

Vigiai – diz a Escritura,

E – durma – diz o sermão.

Dialógo epigramático entre um cristão e o Padre José Agostinho de Macedo sobre o n.º 16 da «Besta Esfolada» (*)

[() “A Besta Esfolada” foi um periódico político e satírico do padre José Agostinho de Macedo. Foi publicando em julho de 1828 até 1829 com 27 números sendo o último após a morte do autor. O objetivo principal do periódico era o ataque aos liberais e ao constitucionalismo. Muitas vezes pedia a força para os seus adversários, conduta muito excêntrica para um padre.]*

– Profanador do Altar! Que asneiras dizes?

De loucura assaltou-te um paroxismo?

– Não – respondeu Macedo – não estou louco,

Mas abjurei de todo o Cristianismo

– Mas o Trono que esteias com mentiras

Fica seguro assim?

– Fica seguro,

Enquanto vivo. Importa-me bem pouco

Se lhe ponho alicerces no monturo.

– Hás de morrer. Não tens medo da morte?

Não te dá susto algum suplício eterno?

– Também não. Os diabos têm juízo,

E há boa companhia lá no Inferno.

Outro epigrama ao mesmo número da «Besta Esfolada»

Do Apocalipse a Besta é quem escreve.

Façam-lhe cruzes, ninguém tenha medo.

O que lemos aqui nos dá certeza

De que o Diabo aspire a ser Macedo.

PARÁFRASES (*)

[*) Uma paráfrase é uma reafirmação das ideias de um texto ou uma passagem usando outras palavras. O ato de paráfrase é também chamado de parafrasear.. Mudar o texto de um ator para criar ou inventar outro texto ou poema velho.]

O VALE

Imitada de Lamartine (*)

[() Alphonse de Lamartine, escritor, poeta e político francês]*

Meu coração fatigado,

E mesmo até da esperança,

Com súplicas importunas

O Destino já não cansa.

Vale, onde a infância passava

Sem me aperceber da sorte,

Dá-me asilo por uns dias,

Para esperar pela morte.

Eis essa estreita vereda

Que ao recluso Vale traz:

Eis o bosque, que me cobre

De sombras, silêncio e paz.

Dois regatos, escondidos

Entre berços de verdura,

Vão, serpeando, perder-se,

Sem nome. nesta espessura.

A fonte destes meus dias

Também assim tem corrido;

Esgota-se mansamente,

Sem regresso nem ruído.

Como a criança que embala

Do canto a monotonia,

Com o murmúrio das águas

A minha alma adormecia.

De um verde muro cercada,

E um limitado horizonte,

Ah! como então me bastava

Ver os Céus e ouvir a fonte!

Muito vi, senti; na vida

Tudo já me sobejava:

Só do Letes o sossego

Nestes ermos invejava.

Sítios belos, convertei-vos

Nesses onde tudo esquece!

O esquecimento agora

Só ventura me parece.

Imitada de Metastásio (*)

[() Pietro Metastasi, poeta e escritor italiano]*

Bem te entendo, coração;

Queres queixas exalar.

Se queres dizer que adoras,

De que te podes queixar?

Mas cala-te; não reveles

Da minha alma um tal segredo.

Os Deuses podem sabê-lo,

Mas dos mortais tenho medo.

Zéfiro brando, se encontras

Quem amo nesse retiro,

Não digas de quem, mas dize

Que não és mais que um suspiro.

E tu, plácido remanso,

Se ao pé dele vais correr,

Diz só que és pranto, e cala

Qual choro te fez crescer.

Imitada de Metastásio

Tantas lágrimas chorei

Para teu peito abrandar,

Que ao teu rigor já te entrego,

Estou cansado de chorar.

Se o termo da vida esperas,

É tardia essa piedade;

Que em mim se apaga a ternura,

Como em ti aumenta a idade.

Vê a pressa com que o rio

Se precipita no mar:

Assim os anos que fogem

Sabem o amor avisar.

AUSÊNCIA

Imitada de Burger(*)

[()Gottfried August Bürger, poeta alemão.]*

É certo que me deixastes?

Foste tu que me fugiste?...

Ah! que o som da tua fala

Inda em meu ouvido existe!...

Como o peregrino em trevas

Vê se a manhã se levanta,

Porque entre folhas reclusa

A cotovia já canta;

Busca-te a minha saudade

Nas grutas que o vale tem;

Chamam-te as minhas cantigas...

Ah! torna, torna, meu bem!

Imitada de Goethe (*)

[()Johann Wolfgang von Goethe, escritor e filósofo alemão]*

Como devo, como posso

Mitigar esta paixão,

Este tumulto em que lida

Revoltoso o coração?

Como hei de calar os gritos

Que dele saindo vão,

Se são desta dor violenta

Última consolação?

Grito, sim, é-me preciso

Dissolvê-la nos meus gritos.

Desculpe Deus meus excessos,

E Márcia, pois são delitos.

Freme qual raiva do Inferno,

No peito a dor se revolta;

Da mais elevada chama,

Que é sua origem, se solta.

Desta labareda surge

Torrente devoradora,

Cujo incêndio tudo abrasa,

E a mim mesmo me devora.

Sede, ó Deus! ó criaturas!

Testemunhas de um tal dano;

Se pode testemunhá-lo,

Sofrê-lo algum ser humano!

Bem como em masmorra escura

Geme um preso maniatado,

Que em grilhões de um peso enorme

Tem o corpo carregado;

Meu espírito assim luta;

Apalpa em torno, forceja

Por encontrar uma fenda

Onde entre a luz que deseja,

Um raio refrigerante

De esperança que o conforte;

Veda a abóbada funesta,

Que romper só pode a morte.

De multiformes ideias

Um novo terror o oprime;

Todo o alívio lhe é defeso;

Desejo, esperança, é crime.

OS DOIS CISNES

Imitação de um poema alemão de autor desconhecido

Moram dois Cisnes no mar

Que evitam com susto a praia.

Sua alvura faz cegar,

Sua luz como o Sol raia.

Entre juncos e salgueiros

Que, numa penha musgosa

Que forma a cela de um monge,

Lançam sombra pavorosa,

Esta veda a luz do dia,

E aumenta a melancolia.

Só do teto do Castelo,
De entre o musgo gotejante
Espreitando, os olhos rompem
O ambiente verdejante.

Então ao longe apercebem
Os dois Cisnes prateados,
Seus gestos, e que repousam
Com os colos enlaçados.

Quando as dunas e os outeiros
Vai prateando o luar,
Sobre o flutuante espelho
Vêm-se os cisnes navegar.

Um deles aflito vira
Para trás a vista amarga,
Como quem leva saudades

Do doce asilo que larga.

Quando o Sol nasce, desmaiam

Pela manhã as estrelas,

Toca a sineta do claustro

Das penitentes donzelas,

Então cada qual dos cisnes

Na fugida se disputa,

E com rápida carreira

Procura a sombria gruta.

Por este modo lidaram

Muito tempo nestes lares;

E a Fama já lhes chamava

Dois amantes singulares.

É feliz quem vive amando

Em suave companhia;
Do seu bem se não separa
Um só instante, um só dia.

Nisto um sonoro gemido
Retiniu na praia um dia,
Motivado duma flecha
Que o peito a um deles feria.
De sangue purpúreo jorro
Pelo golpe lhe saiu,
E com ele o folgo, a vida
Para sempre lhe exauriu.

O companheiro fiel,
Junto dele vigiando,
Nem comida, nem socorro

Quis ir de alguém aceitando.

Do alvíssimo cadáver

Cobriu com junco a ferida,

E por três dias e noites

Canta a fatal despedida.

Triste Cisne! melhor fora

Acabar também agora.

Muito mais sofre que a morte

Q nem perpetuamente chora,

Q nem com olhos quebrantados

Chora os casos passados.

Imitada dos versos de Santa Teresa de Jesus (*)

[() Santa Teresa de Ávila ou Teresa de Jesus, freira e escritora espanhola]*

Amor, delícia de alma a Deus unida!

Do mesmo Deus suavíssimo atrativo,

Que o coração liberta e dá motivo

As saudades cruéis, enquanto há vida!

Tal dor causa o saber que só morrendo

De Deus pode gozar quem a Deus ama,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Quanto custa esta vida dilatada!...

Cuido que a rastros levo duros ferros.

São cárceres meus dias, são desterros,

Do bem, que tanto adoro, separada.

Vou com ânsias de amor desfalecendo;

E sem chegar ao fim, padeço tanto,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Ai que vida tão dura, tão amarga,

Sem tomar do meu Deus inteira posse!

Se o puro amor em que ardo é sempre doce,

Cansa, aflige a esperança, quando é larga.

Acode-me, Senhor! vai desfazendo

O pesado grilhão que ainda me prende,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Com a certeza do bem que a morte alcança

Vou sustentando a vida; mas entendo

Que o mísero mortal só vê, morrendo,

Cumpridas as promessas da Esperança.

Responde a meus clamores, vem correndo,

Morte feliz! Não tardes, não vaciles,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida! que és tu? Suplício desumano.

Observa o vivo amor que me devora:

Perdendo-te, a existência então melhora,

E o tempo que me dás é meu tirano.

Encobrimo-me o bem que só pretendo,

Me agitas, despedaças, de tal modo,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida que não acaba, em Deus imersa,

Essa somente é vida verdadeira.

Enquanto não termina esta primeira,

Não se goza destoutra, tão diversa.

Porque, ó vida cruel, me estás detendo,

Se a cada instante expiro e tanto sofro,

Que me sinto morrer, por ir vivendo?

Como retribuirei tanta fineza

A Deus, que vive em mim? É pouco amá-lo;

Devo perder a vida por gozá-lo.

Se não cabe este bem na Natureza,

Foge, importuna Vida; vai cedendo

Às ditas imortais o teu domínio,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Meu Deus! que dura ausência! que tormento!

Que prolongada morte é minha vida!

Em dúvidas, em riscos submergida,

De terrores cercado o pensamento,

Muito mais do que morte estou sofrendo.

Tem dó de mim, Senhor! Eu mesma o tenho,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Qual peixe que sai de água, a quem se nega

Ir ao próprio elemento restaurar-se;

Que arqueja, sem poder nunca escapar-se,

E somente acabando é que sossega;

Assim, meu Deus, na terra vou sofrendo:

Suspiro, chamo, arquejo, e tanto tardas,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se me dás, generoso, algum alento,

No divino manjar que me sustenta,

Também se dobra a dor e me atormenta

O véu com que te encobre o Sacramento.

Quero ver-te, Senhor, e não te vendo,

Torno a desfalecer; e tanto anelo,

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Porém quando, Senhor, me reanima

A esperança de ver-te e de gozar-te,

Vem um susto cruel por outra parte,

E que posso perder-te então me intima.

Posso, durando mais, ir-te perdendo?...

Que susto! que terror! Meu Deus, piedade!

Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Desta vida arriscada me liberta,

Concede-me a existência desejada;

Solta-me, ó Deus! Da terra desligada,

Minha alma com a ventura logo acerta.

Vê que do mundo nada já pretendo,
Que sem ti, ó meu Deus, viver não posso,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se são os meus pecados que demoram
Esse ditoso golpe que te peço,
Ao ver esses abismos estremeço,
E meus olhos a vida e morte choram.

Doce Amor da minha alma! vem descendo!
Abre-me o Céu, liberta-me da vida,
Que me sinto morrer, por ir vivendo!

Imitada do Salmo Bíblico XCVII

Cantai, Povos, em metro desusado,

Do Senhor a justiça, a misericórdia,

Já que tantas maravilhas

Ele obrou por nos salvar!

Soltai suavíssimas vozes

E não cesseis de cantar!

Da sua dextra a salvação deriva,

Seu santo braço os corações cativa.

Ao mundo declarou nosso resgate;

Na presença das gentes assombradas

Revelou sua justiça,

Fez manifesta a verdade;

E, de Israel condoído,

Recordou sua piedade.

Constou quanto era Deus justo e clemente

Do norte ao sul, da aurora ao sol cadente.

A terra inteira jubilosa cante!

Com acordes e doces instrumentos

Festejemos este dia!

Siga a lira os nossos hinos,

Trompas, flautas e saltérios

Rompam os Céus cristalinos!

Em concerto geral a Natureza

Do peito expulse as sombras da tristeza!

O Senhor veio à terra; vem salvar-nos.

Perante a sua face, os seres todos

Celebrem sua presença.

Revolva-se alegre o mar,

E nas ondas brincadoras

Vejam-se os peixes saltar.

Da terra os mais remotos habitantes

Sejam deste festim participantes!

Irão correndo e as margens refrescando

Os rios; seus cristais mais puros brilhem!

Serpeando alegremente,

De novo alentando as flores,

A seu modo vão tecendo

Ao Senhor os seus louvores!

Espalhe-se a alegria sobre os montes!

Nos vales corram mais serenas fontes!

De um tal contentamento a causa é clara:

O Senhor desce e vem julgar a terra.

Cessa a funesta incerteza;

Julgará como Deus julga,

E sobre o orbe terráqueo

A justiça se promulga.

Povos que vitimava a atrocidade

Julgados só serão pela equidade.

Imitação livre de uma cantiga inglesa de Mrs. Opie (*)

[()Amelia Opie, escritora inglesa]*

Bem que tão longo e temo amor nos ata,

Separar-nos dever altivo ordena;

Mas se lavra teu peito angústia e pena,

Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pesar – o teu discorre;

O depósito triste tocar temo...

Tu buscas gente, eu solitária gemo;

Chorar não sei, porém o teu pranto corre.

Por mais votos que a tua boca faça,

Na minha alma o tormento é mais durável:

Rápida vai torrente vadeável,

Sombrio e lento um vasto rio passa.